

1812

279

48
12359





COLLECCÃO DOS VERSOS,
E DESCRIÇÕES
DOS QUADROS ALLEGORICOS,
QUE
EM TODAS AS SOLEMNIDADES PUBLICAS
DESTA CAPITAL

MANDOU IMPRIMIR, E GRATUITAMENTE DISTRIBUIR

JOSE' PEDRO DA SILVA'

POR OCCASIÃO DAS ILLUMINAÇÕES DA SUA CASA
NA PRAÇA DO ROCIO.

REIMPRESSA A' SUA CUSTA EM BENEFICIO
DA CASA PIA.

„O Homem favor, e asylo ao Homem preste,
„Mútua beneficência os Entes ligue.

Bocage.



LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.

1812.

Com Licença.

COLLECCO DOS LIVROS
DO REINADO DE D. JOÃO VI
BIBLIOTECA NACIONAL
LIVRO N.º 111

*Honra, Patria, Virtude, oh Leis, oh Throno!
Objectos, venerandos, magestosos,
Lustrai na escuridão, que abrange o Mundo.*

Bocage.



LIVRO N.º 111
BIBLIOTECA NACIONAL

1811

ADVERTENCIA.

SE a época, em que vivemos, tem sido a mais desgraçada para a especie humana; tambem tem sido a mais gloriosa para o nome Portuguez.

Ao vermos os Vandalos senhores do terreno Lusitano, e o Nosso AMADO PRINCIPE, E FAMILIA REAL, Ausentes, nossos corações ardião em segredo, e sua chamma sendo latente, não era menos abrasadora. Auxiliados pela Grã-Bretanha soltámos ao nosso patriotismo as azas, que os barbaros nos tinham prezas, e em nosso rápido vôo Portugal foi instantaneamente restaurado. Desde esse momento a espada, e a penna trabalhárão á porfia; porém a justiça manda que digamos, que a primeira deixou em breve muito atrás de si a segunda.

A Poezia foi particularmente feita para cantar as acções guerreiras, e gloriosas; celebrar os annos dos Príncipes, que Pais de

seus Vassallos derramão sobre elles os benefícios, e não os ferros. As Musas Portuguezas carpirão com saudoso accento a triste ausencia de NOSSOS QUERIDOS SOBERANOS, e com heroica tuba cantarão os prodigiosos feitos dos Valentes Guerreiros Anglo-Lusos, companheiros na Gloriam, e Irmãos nas Armas.

3. José Pedro da Silva (diga-se a verdade) agasalhador de todo o talento menos affortunado, bom Portuguez, ardente Patriota, e fiel Vassallo, desde o principio da nossa Restauração patenteou publicamente por meio de illuminações, em que a Poezia, e Pintura allegoricamente se davão as mãos, hum júbilo nunca desmentido, e cada vez mais fervoroso, logoque huma acção brilhante cobria de gloria as Tropas combinadas, e o Grande Geito, que as Commanda; ou quando o Anniversario dos NOSSOS AMADOS SOBERANOS, ou GENEROSOS ALLIADOS, publicamente se celebravão nesta Grande Capital.

Os melhores de nossos Engenhos em Poezia, e em Pintura, o conhecido talento de Henrique José da Silva, felizmente o auxiliarão nos seus constantes desejos: aquel-

les compozerão varias peças de Poezia , e o Pintor subministrou-lhe quadros allegoricos que merecêrão a attenção do público, e os applausos dos conhecedores.

As producções Poeticas forão , he verdade , impressas , e gratuitamente distribuidas, porém não tendo sido colligidas poderiam desencaminhar-se : se tal acontecesse, não receemos annunciá-lo , perder-se-lia talvez para a litteratura hum dos melhores monumentos, que a Poezia levantou na maior época dos fastos Portuguezes aos gloriosos successos das armas alliadas, e aos desejos unanimemente patenteados de vernos quanto antes, restituídos á Patria-Mái os Nossos AMADOS SOBERANOS: este o motivo principal, por que se faz muito recommendavel esta Collecção.

Outro porém não menos interessante, que satisfaz ao mesmo tempo o espirito, e o coração, he para se applicar o seu producto a beneficio da Casa Pia, a este Estabelecimento erigido pela Virtude sobre as ruinas do Crime; a este Estabelecimento, que o nosso Paternal Governo no meio das urgencias do Estado tem constantemente promovido; Estabelecimento finalmente, que

todo o verdadeiro Portuguez tem obrigação de auxiliar, considerando-se como pai adoptivo das innocentes victimas, a quem a orfandade sepultou em horrivel miseria; ou a quem a degradação do verdadeiro pai deo a existencia para lhes negar as doçuras do amor paternal.

José Pedro da Silva, tendo até aqui gratuitamente distribuido todos os Versos, que fez imprimir, reimprimindo-os agora collectivamente para hum tão benéfico fim, espera encontrar em seus Conciudadãos, a generosidade de comprarem a presente Collecção. E para que não possa haver a minima suspeita na applicação do seu producto, hum recibo do Administrador da Casa Pia, transcrito nos Periódicos, attestará a entrada de todo o producto.

PELA FELIZ RESTAURAÇÃO
DE
PORTUGAL.

EM 15 DE SEPTEMBRO DE 1808.

JOSE PEDRO DA SILVA.

*Nã Praça do Rocio do lado Occidental, na loja
N.º 84, 85, 86, erigio huma rica, e apparatusa
illuminação, com que quize dar a co-
nhecer o seu honrado patriotismo,*

SOBRE a porta do meio fez levantar hum bello Quadro parallelogrãmo, de dez palmos de alto, e oito de largo, onde se representava a Grã-Bretanha, a Lusitaniã, e a Hespanha em huma bem engenhosa allegoria. A primeira via-se ao lado direito figurada em huma formosa Matrona; coroadã com corõa de loiro, tendo ao lado hum pequeno Genio, que sustentava o Escudo das suas Armas; e como especial Protectõra, e Alliada do PRINCIPE REGENTE de Portugal, le-

vantava pela mão a segunda ou a Lusitania, que se figurava em outra semelhante Matrona, mui debilitada na representação, e quasi cahida; e com a outra mão lhe apontava para o Busto do Principe Regente, que se mostrava no alto em pequeno Quadro de figura oval, sustentado sobre hum pedestal, guarnecido de flores, e fructos. Nesta acção se symbolisava a empresa gloriosa, e nunca assás louvada de El-Rei de Inglaterra JORGE III., em restituir ao PRINCIPE DE PORTUGAL seu Reino, entregue á calumnia, e perfidia da mais barbara das Nações, e de todo arruinado, e quasi perdido, como querendo significar á Lusitania, quando para elle apontava, que o seu cházro PRINCIPE estava seguro, e trynfnante; e ainda viria ocnpar gloriosamente o Throno de seus Augustos Predecessores: e no gésto, e semblante de amargura com que o Pintor soube nobremente explicar nesta sua afflicção, bem se manifestava o grande abatimento em que ficou este Reino, pelos grandes rouhos, e atrocidades, que nos motivára o Exercito Francez: assim, como nos fructos, que ornavão o pedestal do pequeno Quadro em que se via S. A. R., a abundancia, que resulta a Portugal com a presente Restauração.

Ao lado esquerdo via-se a terceira na figura de outra semelhante Matrona, empunhando com a direita a Espada, que levantava ao alto desvanecida, com os olhos no PRINCIPE, como quem se gloriava de contribuir com a força de seu potente braço, para tão portentosa Restauração; e com a esquerda sustentava o Escudo das suas Armas, que se divisava pendente ao lado.

No mais baixo do Quadro estava o Rio Tejo, nobremente retratado, como o pintão os Poetas na figura de hum Ancião, corouido de ramagem de ouro, e reclinado sobre suas arêas, entornando sobre ellas agua crystallina de huma urna tambem de ouro, em que firmava o braço; e junto d'elle o Dragão corouido, timbre das Quinas Portuguezas, que tinha seguro por grossa cadêa: o qual fectava tambem os olhos risinhos para o mesmo Retrato do PRINCIPE REGENTE, como quem procurava exprimir o seu transporte, e o de suas aguas, pela liberalidade da Navegação, e aancia de vêr outra vez o seu PRINCIPE.

Na base do Quadro havia hum fita suspensa por dois Genios, que se vião de hum, e d'outro lado, e nella estavam escriptos estes dois Versos de Bôcage:

„*Lysia será qual foi, qual he no Globo,*
 „*Mãe dos Heroes, das Nações, a flor, o Esmalte.*

Sobre as outras duas portas dos lados, estavam duas tabélas, cada huma com seu pavilhão suspenso em varios remates, que descobria dois Versos do mesmo Bocage, que nelas se lião: na primeira da parte direita os seguintes:

„*O que Affonso escutou, João merece,*
 „*Hum DEOS não he perjuro, hum DEOS não mente.*

Na segunda do esquerdo:

„*O Commercio prospere, as Artes brilhem,*
 „*Floreça a Paz, a Industria, a Gloria, tudo.*

A invenção, e desempenho deste Quadro foi de Henrique José da Silva, Pintor bem conhecido, e de mui distincto merecimento.

A' LIBERDADE NACIONAL.

O D E.

Em canto o peito illustre Lusitano
 A quem Neptuno, e Marte obedecerão.
 Caimões.

DROSES, que sinto! Não tocada a Lyra
 Sonorosa resoa? Q' Improviso
 Sacro estremecimento vai passando
 D'alma as fibras, q' attonitas aballa?
 Q' innumera phalange
 D'idéas arrojadas,
 De concertos sublimes
 Percebo a borbulhar na mente accesa?
 Sobre as azas do rápido transporte,
 A solto vôo os arés vou fendendo,

Que monte he este , alcatifado em flores ,
 Onde , Urania , pouzei ? Que bando aquelle
 D'engraçadas lindissimas Donzellas ,
 Que nesse ledas vagão laureo bosque ? . . .

Que denso véo , rasgado

Aos attonitos olhos ,

A vista m'apresenta

Quanto em seu vasto seio Europa enserra ?
 He desta artè , que Jove lá do Empyrio
 Lustra d'hum golpe o dilatado Mundo.

Cedendo ao pezo seu , montão de gello
 Dos Alpes se desata , e vem rodando . . .
 Mais , e mais a engrossar : o Nilo , o Eufrates
 Rivalisando já o lava immenso ,

Com motim pavoroso

Os bosques trás comsigo ,

As Aldêas derruba ,

Quebra os mesmos penedos , e parece ,
 Alardeando estragos , e ruinas
 Que presume engolir a terra toda.

Assim eu vejo os Vandalos modernos
 Tintos de sacrosanto regio sangue,
 (Nem que pouco lhes fosse d'attentados
 Terem enxovalhado o patrio ninho)
 Seus crimes, seus flagicios
 Levar a toda a parte,
 Grilhões lançando duros
 A's miseras Nações, q'atropeladas
 S'armão á força a prol de seus Tyrannos, (1)
 Q'o Sacrilegio, e a Compra hão na vanguarda.

Tu, q'és entre as Regiões Rosa entre as flores;
 Templo de Marte, templo de Minerva,
 O' Patria da Belleza, e dos Prodigios,
 Das Sciencias abrigo em ferreos tempos,
 Italia encantadora,
 Por monstros, que outro tempo
 Confundiste entre escravos,
 Em proprio, e saugue alheio ora t'innundas;
 Teus muros, teus padrões, Templos, Thesouros,
 Vês cahir, vês roubar, e vês-te Escrava,

(1) *As Conscriptções.*

Brama no Elysio de Camillo a sombra ,
 Q'hum Breno novo lh'escravize a Patria ,
 Q'elle a sangue remio do Breno antigo ; (1)
 E ao lembrar-se de Trebia , e Trasimeno ,
 Brama o valente Annibal
 Ao vêr q'o Celta obscuro
 Doma em tão pouco aquelles ,
 Q'apôs estragos taes domar não pôde :
 E , sepulcro a Pompêo , tão arduo a Cesar ,
 D'assim vêr-se pizado , escuma o Nilo.

Do Despotismo o barbaro Vampiro
 A' frente eis se lhe põe , Monstro horroroso ,
 Que toca os Ceos e'o a frente , e distendendo
 Hum braço ao mar , e a dextra ao Continente ,
 Quer abarcar o Mundo :
 Mas surge-lhe d'encontro
 Do Tamisa o Neptuno ,
 Q' , alongado o tridente , o Mar defende :
 Mas a Peste , do pelágo repulsa ,
 Com mór força na terra s'encarniça.

(1) *Veja Tito Livio, &c.*

Em giro eterno huma onda apoz outra onda
 Se revolve no mar ; e em giro eterno
 A traição ás traições , o crime aos crimes,
 Estragos a destroços Gallia ajunta :
 Sobre usurpados thronos,
 Phantasmas de Monarchas
 Promulção leis de ferro.
 Désola-se a Germania , a Russia cede,
 E tu dos Prussos , oh Virgilio ! oh Cesar !
 Vês teu solio ruindo , ó Frederico.

São estas , Gallia , as maximas brilhantes
 D'igualdade , justiça , liberdade ,
 De Razão , d'Heroismo , com q' ao Mundo
 O Reicidio sacrilego córavas ?
 Igualar os humanos
 Na escravidão pertendes ? . . .
 Teus Reis assassinados
 D'opprimir o Universo o jus te derão ? . . .
 Ou , porq' a tudo invertas nome , e idéa ,
 Chamas delicto o bem , virtude o crime ? . . .

Em nevoa envoltas tremulando as Aguias
 Vão funestar de Lysia os horizontes! . . .
 Eis o Téjo a bramir a urna abandona,
 E os seus priscos Herões debalde invoca! . . .
 Eis carceres aos justos! . . .
 Eis premios aos malvados! . . .
 Eis roubos, e assassinios! . . .
 Eis proscripto o Reinante! . . . Em terra as Quinas! . . .
 Eis o sangue a golfar! . . . Zunindo o fogo! . . .
 O ameaço troando; e prompto o raio! . . .

Mas já dessa Região, q'o nome obteve
 Do fraternal amor, nuvem fulgente
 Do mais' purpureo azul vem conduzindo
 Divindade gentil de Lysia aos ares! . . .
 Negrumes detençosos
 A seu aspecto esvaecem-se.
 Eu a conheço! . . . He ella.
 Salve, filha de Jove, ó Liberdade!
 Flor dos mimos do Ceo. Salve mil vezes.
 O' Deosa do Philosopho, eu t'adoro.

Que benigno seu ar! . . . singello o trage! . . .

A Virtude, o Valor conduz coinsigo;

Olha ao Têjo, ao Mondego, ao Douro, ao Minho,

E a presuaziva voz assim desfeixa:

„Como? os briosos Povos

„Do Ganges domadores,

„Do Luso a illustre prole,

„Intolerantes sempre a jugo estranho,

„Esquecidos de si, de Nunos, Castros,

„Com o resto do Universo assim se humilhão?

„Quem Aguias espancou da invicta Roma,

„Quem não temeo Leões da nobre Hespanha,

„Quem derribou feroces Africanos,

„Ferreos Rumes, e Naires adargados,

„Os galantes Malaios,

„Soberbos Gnzarates,

„Junizaros valentes,

„Quem saltou sobre a Morte, que nos mares,

„Lá junto a Adamastor, s'oppóz d'encontro,

„Do Sena ás Aguias pávido s'encolhe?

„Arde no dorso escravo o vergão negro;
 „Q'imprime da Oppressão duro flagello;
 „E nada vos esperta? . . . Olhai bem perto
 „Os Hespanos Leões, que, denodados,
 „Essas Aguias sorprendem,
 „Que seus Reis lhe roubarão,
 „E, rugindo raivosos,
 „Entre as prezas os côlos lh'estracinhão,
 „Entre as garras os corpos lh'espedação,
 „Seu exemplo imitai, segui-me, ó Lusos.

„Pela raiz s'arranque a arvore infame,
 „Q'em frutos tão pestiferos florece:
 „Vosso brio encarándo, o illuso Mundo,
 „Conheça os seus grilhões, quebre-os, e vingue-se.
 „Aperte a seus Tyrannos
 „Correntes que lh'apertão,
 „Segui-me, eu vou guiar-vos,
 „Tenha tambem seus Brutos Lusytania,
 „Se Tarquinos ha tido, eu! A Vingança,
 „Guerra a todo o Oppressor, a sangue, e a morte.

Como por sábia mão calcado, e prezo
 O pó sulfureo suterrado em minas,
 S'o fogo o toca, s'úbito s'inflamma,
 E c'o a mór resistencia mais possante,
 Sacode pelos ares
 Murallas, e Edifícios,
 As armas, e os armados:
 Como Leão dormente, q'excitado
 Ao clangor da trombeta errica as júbas,
 E no Caçador q'o busca, em raiva investe,

Assim da Deosa a voz n'alma dos Lusos
 Soppra despeitos, s'úbito são fogo;
 Torlo o sangue francez beber já querem;
 Vendo afixar insultador Edicto,
 O magnanimo Sousa (1)
 Banhado em pranto heroico,
 Exclama furibundo:
 „Portugal expirou!„ e rasga o Edicto;
 E a turba q'o circunda, acceza em honra:
 „Portugal não morreo,, e ás armas correm.

(1) O Brigadeiro José Lopes de Sousa, hoje Marechal de Campo.

Resurgem Quinas ; geral brado atrôa :
 „Viva João ; vingança , liberdade ! „
 Venerando Pontífice no Douro (1)
 Armar faz tudo : eis Bacelar , e os Freires , (2)
 E o valente Menezes (3)
 Q'impavidos fuzilão !
 Lá sabe da Lusa Athenas
 Bravo Esquadrão de nobres Escolares , (4)
 Q'a morrer pela Patria s'offerecem
 Seus defensores já , mestres hum dia.

Mas eis vergando o mar ao pezo immenso
 Dos Baixéis dos Britanos , que briosos
 Voão a defender o Amigo ausente ! . . .
 Surgem , fundeão , desembarcão , fere
 O Sol nas limpas armas ,
 E fulgindo , s'antolha
 Longo campo de fogo :
 Soão clarins , tambores , treme a terra
 Com som quadrupedante , e c'o as carretas (5)
 Q'o fragor do trovão rolando imitão.

(1) O *Excellentissimo e Reverendissimo* Senhor D.
Fr. Antonio de S. José e Castro , Bispo do Porto , e
 hoje *Patriarcha* Eleito , e hum dos *Senhores Governadores*
 do Reino.

(2) Os *Illustrissimos* Senhores , *Bacelar* , e *Fréires*.

(3) O *Illustrissimo e Excellentissimo* Senhor Conde

Assim outr'ora as combinadas turmas
 D'Argiva mocidade s'estendião
 Pelos campos Iliacos, seccando
 Do Simoonte, e Xanto em marcha ás ondas;
 Tremem de Troya os muros,
 E Priamo vacilla;
 Cantão bellicas tubas;
 Vario no discorrer o incerto Vulgo (1)
 Intrépido tumulto ás armas corre,
 Em vencer, ou morrer fixada a mente.

Treme no centro da inclita Ulysêa
 O hypocrita Junot, o audaz Laborde,
 O terrivel Loison em vão procurão,
 No coração persago o antigo esforço.
 Já sahem, já perfilão
 Accende-se o combate,
 Surgem do Averno as Furias,
 Trôa o trovão de Marte, enchorra o sangue,
 De fileira em fileira a Morte vòa,
 Honra, e Valor, Raiva, Furor subplantão.

Monteiro Mór, ao presente Marquez d'Olhão, e hum dos Senhores Governadores do Reino. (4) OCorp. Acad.

(5) *Quadrupedante putrem sonitu quatit ungulã campum.*

Virgil.

(1) *Scinditur incertum studia in contraria vulgus.*

Virgil.

Como lá junto ao Narvá em sangue tinto
 Os Russos semibarbaros cabião
 Do Alexandre do Norte ás triumphaes plantas (1).
 Assim tremendo a multidão Franceza
 Largando os canhões duros;
 E os sabres reluzentes
 Curva o joelho, e implora
 De WELLINGTON, e Spencer, q'os fulminão,
 Benigna compaixão, e, deslembados
 Da passada ufania, capitulão.

Mil parabens, ó Lysia, ó Patria amada,
 Findon-se a escravidão, despeja o lucto:
 Em porto em torres teu pendão tremóla,
 Teus Alliados fiéis, teus nobres filhos

 De verde louro enrama

 De Jasmins, e de Rosas

 Entre festivas salvas!

Renasção dias de prazer, de gloria,
 Que, abandonado Amor, eu voto a lyra
 A ti, ó Patria, a ti, ó Liberdade! . . .

J. M. da Cost. e S.

(1) *Carlos XII. Rei de Suecia.*

Esta Ode não foi impressa.

NO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 1808,

FAUSTISSIMO

POR SER O ANNIVERSARIO

DA

RAINHA NOSSA SENHORA,

FOR ENTRE

HUMA BRILHANTE ILLUMINAÇÃO,

Se lião do lado direito os seguintes Versos

de Bocage :

~~~~~

„A Jove teu Natal deves sorrizos,  
„Qual he teu Dia, tal será teu Fado.

E do lado esquerdo estes.

„Tarde, mui tarde a teu principio voltas,  
„Eis os votos de Lysia, e do Universo.

=====

A 25 DE ABRIL DE 1800 ,

## D I A

EM QUE A NAÇÃO CELEBRA O NATALICIO

D A

SERENISSIMA SENHORA

D. CARLOTTA JOAQUINA ,

P O R E N T R E

HUMA GRANDE PROFUSÃO DE LUMES

Se lião as seguintes Quadras , extrahidas  
das Rimas de Bocage :

\*

Do lado direito :

„*Revolve, ó Mão suprema, o Cofre eterno,*  
„*E entre milhões de Espiritos fulgentes,*  
„*CARLOTTA he de teus dons, de teus Thesoiros*  
„*Nas Graças, no attractivo, a flor, o extremo.*

\*\*

E do lado esquerdo :

„*Os Idolos da Patria, o Par brilhante*  
„*Dos Mortaes o Explendor, JOÃO, CARLOTTA,*  
„*Delle, Della se esquivem Tempo, e Morte,*  
„*Dure-lhe a vida o que durar seu Nome.*

\* \* \*

EM 13 DE MAIO DE 1809;

NO SEMPRE APPETECIDO DIA NATALÍCIO

DE

S. A. R.

PRINCIPE REGENTE N. S.

NOMEIO

DE HUMA BEM DELINEADA  
ILLUMINAÇÃO

Se vião estes Versos, do insigne Bocage:

---

*„Sorrio-se, como nunca, o Rei dos Entes  
„No ponto em que raiou tão fausto dia.*

\*\*\*

*„Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno  
„Do Amor da Terra, da attenção, do Fado.*

---

Aos 17 DE MAIO DE 1809,

CELEBRANDO-SE A EXPULÇÃO  
DOS FRANCEZES

CIDADE DO PORTO,

SEDE VISAVÃO

Por entre multiplicidade de lumes simetricamente  
distribuidos, estes Versos do célebre  
Santos e Silva.

\*

Do lado direito:

„Girai, hede, e a João dizei, ó Astros,  
„Que surgem Nunos, que revivem Castros.

\*\*

Do lado esquerdo:

„JORGE saiba, qu'eterno grato loiro,  
„Lhe votão libertados, Minho, e Doiro.



AOS 23 DE MAIO DE 1809,

PELA OCCASIÃO

DA  
**GLORIOSA VICTORIA NAVAL,**

ALCANÇADA PELOS INGLEZES NA BAHIA

DE BASQUES,

Havia entre luzida, e apparatusá illuminação os Dis-  
 ticos seguintes, do celebradô Bocage :

---

Em primeiro lugar :

„Fervendo em Raios no Oceano a Morte

„Te obedece, ó Britania, ao Mândo, aos Fados.

\*\*\*

Em segundo lugar :

„O Anglo audax sobre o Pélago iracundo,

„Da Victoria os Pendões, troando afferra.

No DIA 4 DE JUNHO DE 1809,

SOLEMNISANDO-SE

o

FAUSTOSO DIA ANNIVERSARIO

DO

IMMORTAL JORGE III.

REI DA GRÃ-BRETANHA,

ALEM DE HUMA MAGNIFICA, E BRILHANTE  
ILLUMINAÇÃO,

Se lião as seguintes Inscriptões, compostas nas tres  
Lingoa dos Alliados, pelo famoso Vate,  
Santos e Silva.

1.º

„Ha de extinguir-se o Sol, quebrar Natura  
„Alléxo, e vivo, oh JORGE, inda o Teu Nome!

2.º

„The sun shall fade a way, and break the World,  
„Unhurt, alive, oh GEORGE, yet your Name!

3.º

„Hade el Sol apagar-se, hundir-se el Mundo  
„Quedando immune, oh JORGE, tu gran Nombre!



AOS 15 DE SEPTENBRO DE 1809,

PRIMEIRO DIA ANNIVÉRSARIO  
 DA  
**FELIZ RESTAURAÇÃO**  
 DE  
**PORTUGAL,**

POR ENTRE HUMA COPIOSA, E BEM TRAÇADA  
 ILLUMINAÇÃO,

Se lião os seguintes Versos, compostos por Santos  
 e Silva.

Do lado direito :

„Novò giro na *Ecliptica* dourada  
 „Findou *Phebo* apoz *Lysia* libertada.

No centro :

„Hoje, ó *Lysia*, abateste *Aguias* malinas,  
 „E de novo arvoraste as *Santas Quinas*.

Do lado esquerdo :

„Dia, quat tu (diz *Lysia*) eu nunca tive,  
 „Renasço em braços teus ! João revive.

---

AOS 17. DE DEZEMBRO DE 1609,

NO PLÁUSIVEL DIA

DO

AGUSTO NASCIMENTO

DA

RAINHA NOSSA SENHORA,

POR ENTRE HUMA VISTOSA ILLUMINAÇÃO,

Se divisavão os seguintes Versos do affamado San-  
tos e Silva.

1.º

„Com Mar longo, oh Rainhá, de permeio,  
„Da face Tua o nosso Pêito he cheio!

2.º

„Annos Tu conta, oh Inclita MARIA,  
„Como Lysia de lagrimas t'envia.

Aos 3, 4 e 5 DE AGOSTO DE 1810,

FESTEJANDO-SE EM LISBOA

## OS FELICES DESPOSORIOS

DA

SERENISSIMA SENHORA PRINCEZA

D. MARIA TERESA,


COM

O SERENISSIMO SENHOR INFANTE

D. PEDRO CARLOS,

CELEBRADOS NA CORTE DO RIO DE JANEIRO,

AOS 13 DE MAIO DE 1810.



---

Além de hũa pomposa Illuminação estavão  
 escriptos estes bellos Versos de diferentes  
 Engenhos.



\*

Do lado direito :

„Hespanha , e Lysia folgão da Alliança  
 „Anglia exulta , e Bourbon recorda a França.

\*\*

Do centro :

„Dos Regios laços que Hymeneo enrêda ,  
 „Vario agoiro correo , vario Hemisferio ;  
 „Fuzila ao longe o Americano Imperio  
 „De perto ao Corso lhe negrêja a 'quêda.

\*\*\*

Do lado esquerdo :

„Augura o novo Amor novas saçanhas  
 „D'ambas as Indias , d'ambas as Hespanhas.



AOS 15 DE SETEMBRO DE 1810,

DIA MEMORAVEL

P O R

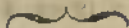
SER O SEGUNDO ANNIVERSARIO

DO TRINAGI

## NOSSA FELIZ RESTAURAÇÃO

HAVIA NO CENTRO DA ILLUMINAÇÃO HUM QUADRO ALLEGORICO, EM QUE SE VIA REPRESENTADA A ALLIANÇA DAS TRES NAÇÕES;

A Britania promettendo a Lysia a conservação do seu Paiz, e a segurança do PRINCIPE REGENTE N. S., que se via representado no alto do mesmo Quadro; a Hespanha, e Lysia admirando tão sublime resolução: Havia varias figuras com os Escudos das Armas Nacionaes, e o Rio Têjo exultando por este feliz acontecimento, e dois Genios que mostravão em huma fita os seguintes Versos:



\*

*Eis a triple Alliança, eis a Victoria,  
Que as tres Nações encheo de eterua Gloria.*

E aos lados do Quadro se lião os seguintes:

\*\*

*Do esforço ao Raio as Aguias se abatêrão,  
E ds Lusas Quinas o lugar cedêrão.*

\*\*\*

*Corso feroz, tyrannico perverso,  
Teme hum DEOS, teme a raiva do Universo.*



EM 16, 17 E 18 DE ABRIL DE 1811,

EM QUE

COM PUBLICO REGOZIO,  
SE CELEBROU A RAPIDA EXPULÇÃO

D O S

EXERCITOS FRANCEZES,

APARECEO

NO CENTRO DA ILLUMINAÇÃO

Hum magnifico Quadro Allegorico de doze palmos de alto, e oito de largo, no qual havia o Retrato de LORD WELLINGTON, coroado pela Fama com o symbolo da immortalidade, e Lysia exultandò por vêr expulsos os Inimigos da Lusitania. Marte ordenando ao Tempo, que depuzesse a Foice em honra do Invicto Heróe, e hum Genio com hum Faxe de fogo expulsando tres Arpias que symbolisavão as tres Divisões do Exercito Francez, em quanto outro Genio mostrava em huma Fita o seguinte Verso:

---

*Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.*

---

\* \* \*

De hum dos lados estes quatro.

*Das feras Hostes do arrojado Brcno*  
*Salvou Camillo a Capital do Mundo,*  
*E da ambição do Corso furibundo*  
 WELLINGTON salvu o Portuguez terreno.

\* \* \*

E est'outros do outro.

*O Mães de Albuquerque, e Castro forte,*  
*Qu'inda os Elycios pusseais ocantes,*  
*Vêde a Lusa Nação, qual foru d'antes,*  
 Só de gloria nutrir-se, estrago, e morte.

---

E o primeiro Verso se glosou, tocando a Allegoria  
 do Quadro.



## M O T E.

*Vales em Lysia ; quanto Fabio em Roma.*

## G L O S A.

## S O N E T O,

**M**ARTE, que o Luso estima por Guerreiro,  
 E o Genio Luso, tutelar agoiro,  
 Demandão da Memoria o tẽplo de oiro,  
 Onde a Fama reparte premio inteiro :

Mavorte á Deosa assim fallou primeiro :  
 „Merece WELLINGTON sempiterno loiro ;  
 „Por elle fallão o Bussaco, e o Doiro,  
 „Talavera a Real, gentil Viñeiro.

Então lhẽ torna a Deosa da Memoria :  
 „Gradivo, he justo, eu vou cingir-lhe a coma  
 „Do verde loiro, do cocár da Gloria :

„Sen nome, ó Genio Luso, os tempos doma,  
 „Junto a seu nome vou gravar na Historia,  
*Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.*

*De J. B. L. R.*

*Ao mesmo:*

S O N E T O.

**P**OR cem aureos clarins troando a Fama  
 Leva, WELLINGTON, teu Nome a plaga extrema,  
 Despotica ambição arde, e blasfema,  
 Vendo cingir-te do triumpho a rama:

Lysia, a quem nutres do Heroismo a flamma,  
 Marte, a quem dás a illustração suprema,  
 Do Rei dos Evos a iracundia algema,  
 E o Rei dos Evos immortal te acclama.

Créstanlô a pompa á Lusa herança opima,  
 Torvo Cometa de inflammala coma  
 Corria o Anjo da Franceza esgrima:

Eis nos teus planos a victoria assoma,  
 O Luso Imperio ao teu saber se arrima,  
*Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.*

*De N. A. P. P.*

*Ao mesmo.*

S O N E T O

O TYRANNO do Mundo intenta irado  
Mudar de Lysia o prospero destino,  
Minando astuto o Tronco Bragantino,  
Com orvalhos do Ceo nuirido, e alçado:

Eis de insignias de Paz Junot armado  
O projecto a' exercer corre ferino;  
Mas JORGE, com poder quasi divino,  
Salva a Lusa Nação no Tronco amado.

Esbraveja o Tyranno! . . . e á horrivel scena  
D'estragos infernaes, que em Lysia assoma,  
O pano corre o barbaro Massena:

Foge, arrastando a viperina cõma! . . .  
E tu, Lord immortal, c'õ a espada, e pennã,  
*Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.*

*De J. S. F. de C.*

ATO A. S. A. R. O. PRINCIPÉ REGENTE N. S. A.

MINISTRO SECRETARIO DE ESTADO

S O N E T O

POR Ti, Senhor, e pela Pátria. mēsta  
 Ao Ceo mandava mil ardentes votos,  
 Quando nas trévas da ambição infesta  
 Erão os Fados deste Reino igitotos.

Mas, pois que a Providencia os manifesta,  
 Inda quaes d'antes, na grandeza inumotos,  
 Hum só desejo por cumprir me resta,  
 Cumpra-mo o Ceo em tempos não remotos.

Ah! se os puros desejos tem valia,  
 Acólhe, egregio PRINCIPÉ, hum desejo  
 Que no teu Povo mil esp'ranças cria.

Eu fólgo porque salva a Pátria vejo;  
 Mas, para cumular minha alegria  
 Falta, que volvas, Pai da Pátria, ao Téjo.

Por N. A. P. P. M.

A S. A. R.ª Serenissima Senhora D. CARLOTA  
JOAQUINA, Princeza do Brazil.

SONETO.

ALTA PRINCEZA, Augusta Segurança,  
De hum Sceptro onde se quebra a Tyrannia,  
Tu esmaltas a Lisa Monarquia  
Como és da Ibéria bem fundada Esp'rança:

Puro, Sacro penhor da nova alliança,  
Que a Liberdade nos dois Mundos cria,  
Por Ti c'o as forças que a Virtude allia  
Florece o Throno da immortal Bragança:

O Ibéro, e o Luso Povo que te adorão  
Suspirão ver-te aventurar seu Clima,  
E o Canto as Musas para Ti melhorão:

Neste, que só por te invocar se estima,  
Os votos de hum, e de outro se avigóráo,  
E a chamma cresce, que o de Luso anima.

No seguinte Soneto, se implorou ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conde de Linhares, quizesse apresentar a SS. AA. Rezes, as anteriores Poezias tendentes á prospera Restanração de Portugal.

O SONETO  
C I R S. O N E T O. (\*)

VOTOS de hum peito illustre Lusitano,  
Que para illustre ser Patria lhe sóbra,  
Sem que vos prenda nautica manobra  
Trasponde a immensidade do Oceano.

Lá onde o Amazonas corre ufano  
Dos liquidos tributos, que recobra  
O Semideos buscai, que se não dobra  
Aos golpes, nem promessas de hum Tyranno.

Já sabeis, que vos fallo, e vos dirijo  
Ao Real Tronco Augusto de Bragança,  
A quem Padrões de Lealdade erijo.

Lêdos voai, nas azas da Esperança,  
Se o vento da desgraça soprar rijo  
O Illustré Sousa vos dará bonança.

*De J. S. Ferraz de Campos.*

---

(\*) Os tres antecedentes Sonetos não foram impressos, tendo sido enviados para a Corte do Rio de Janeiro.

AOS 13 DE MAIO DE 1811,

**D I A**

**SEMPRE GRATO A' NAÇÃO PORTUGUEZA,**

**E**

**FAUSTÍSSIMO**

**PELO ANNIVERSARIO**

**D E**

**S. A. R.**

**O PRINCIPE RÉGENTE N. S.**

**VIA-SE NO CENTRO DA ILLUMINAÇÃO**

Hum bellissimo Quadro Allegorico com Figuras ao natural, em que estava representado o Retrato de S. A. R., e em baixo a Figura de Lysia, e o Genio Portuguez tributando-lhe os Corações de seus fiéis Vassallos, e dois Genios sustentavão huma Fita em que estava inscripto o seguinte Verso:

---

*Impéra em Corações, e n'elles vive.*

---

No lado direito do Quadro do meio da Illumina-  
 ção se lião em outro mais pequeno Quadro,  
 os seguintes Versos:

---

*Ditoso com Teu mando o Lar Paterno,  
 Mil vezes mais ditoso, se diria,  
 Se espargir o fulgor do Lume eterno  
 Visse teu Rosto, como vê Ten Dia.*

---

E do lado esquerdo estes:

---

*Seu antigo esplendor Lysia recobra:  
 Eis livres Teus Dominios, vem gozá-los;  
 Vem, PRINCIPE IMMORTAL, gozar a obra  
 De Jove, do Bretão, de Teus Vassallos.*





M. O. T. E.

*Impéra em Corações, e n'elles vive.*

O Muito Alto, Poderoso, e Augusto PRINCIPLE RE-  
GENTE N. S., no Faustolo Dia de seus annos,  
falla aos seus leites Vassallos Portuguezes,  
no seguinte

S O N E T O.

**E**u, que Sou vosso Pai, Monarchia, e Esendo,  
Não vos hei, Filhos-Meus, nunca esquecido;  
Cá do opposto Hemisfério, onde rézido,  
Povos da Luzitania, Eu vos saudo.

Contra o Monstro da Córsega sanhudo,  
Sei que tendes mil raios despedido;  
Este p' Padrão maior que haveis erguido  
Ao Meu Natal, á Honra, á Patria, a Tudo.

O excelso Povo de Quirino, aquelle  
De quem Sepulcro he lastinta nos prive,  
Renasce em vós: o Mundo se acutelle:

Minha Gloria he sem par, dos Ceos a obtive! . . .  
Jorge he só Meu Rival, como Eu só Elle  
*Impéra em Corações, e n'elles vive.*

*Ao mesmo.*

S O N E T O .

**N**o penhascoso pico de alta seira  
Annoso tronco ás penhas afferrado,  
Quanto mais he dos ventos açoitado  
Mais válida raiz estende, e afferra.

Tal entre as lides da p'rigosa guerra  
Portugal, já por guerras affamado,  
Quanto mais he dos p'rigos assombrado,  
Mais enche vencedor de assombro a Terra.

E, por mais que a Ambição, e a Tyrannia  
Tantas Nações da liberdade prive,  
Portugal nova gloria, e força cria.

• Donde será que tantos bens derive!  
De João, que immortal como o seu Dia  
*Impéra em Corações, e n'elles vive.*

*Ao mesmo.*

S O N E T O.

NEM Dotes acatando, nem Pessoa,  
 Que tu não sejas, immortal Virtude,  
 Ou teu Nome, execranda Clotho rude  
 A quanto vio nascer tudo atriçôa:

No truenlento braço o ferro vôa,  
 Dia, e noite arrastando ao ataudé  
 Victima aos golpes seus, sêm que hóstia estudo,  
 A Purpura, a Tiara, o Sceptro, a C'roa:

Menos Tu, ó João, que Eternidades,  
 Havendo-as, durarás; sem que te prive  
 Parca atroz das Augustas Faculdades!

Pois Rei, que ao Povo seu taes Bens motive,  
 Tem por Vassallos Gerações, e Idades,  
 *Impéra em Corações, e n'elles vive.*

## SONETO.

**D**AMERICA feliz Cantão ditoso,  
 Des de que o Luso no teu porto afferra,  
 Dos raios dons, que o teu terreno encerra,  
 Tem sido o nosso Portugal mimoso.

Tu nos mandavas o ananaz cheiroso,  
 E o diamante, que vem da fria serra;  
 Riquezas, que não dá do Luso a terra,  
 Nos vinhão de teu seio dadivoso.

Nós te pagámos; ai! com que abundança!  
 Fructo mais raro, que o Brazil não cria,  
 Te enviámos do Tronco de Bragança:

João he teu: ó dom de mór valia!  
 Só nos fica a saudade na lembrança  
 Do seu formoso natalício dia.

Aos Illustrissimos e Excellentissimos Senhores  
Governadores do Reino.

S O N E T O.

**J**a' roto o panno , o mastro já rendido ,  
Aberto o casco , o leme destroçado ,  
Mil vezes o Baixel em mar cavado  
Vôga á tóa , dos ventos impellido :

Eis-que subito lume esclarecido  
No tópe lhe reluz ; muda-se o fado ,  
Recobra fôlgo o Nanta desmaiado ,  
E a manobra retorna , que ha perdido.

Tal na procélla horrisona lutava  
Constante Portugal , que em mór estrôvo  
Pelo ansente Piloto suspirava :

Tu , Próvida Regencia , á Não , e ao Povo ,  
Que n'ella quasi a pique soçobrava ,  
Tu foste a Redempção , Santelmo novo.

T. A. S. e S.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO

ALBERT EINSTEIN

THE THEORY OF RELATIVITY

BY ALBERT EINSTEIN

TRANSLATED BY ROBERT W. FULLER

CHICAGO: THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS, 1955

First published in German in 1916

Revised edition published in German in 1953

English translation published in 1955

Copyright © 1955 by The University of Chicago Press

Printed in the United States of America

Library of Congress Catalog Card No. 55-10861

ISBN 0-226-14333-3

0-226-14334-1 (pbk.)

0-226-14335-9 (pbk.)

0-226-14336-7 (pbk.)

0-226-14337-5 (pbk.)

0-226-14338-3 (pbk.)

0-226-14339-1 (pbk.)

0-226-14330-0 (pbk.)

0-226-14331-8 (pbk.)

AOS 17 DE MAIO DE 1811

CELEBRANDO-SE NESTA CAPITAL

A

GLORIOSA VICTORIA

N O S

CAMPOS DE ALBUHERA,

EM QUE BRILHOU O ESTORÇADO GENIO

D O

EXCELLENTISSIMO SENHOR MARECHAL

CÔNDE DE TRANCOSO,

COMMANDANTE EM CHEFE DO EXERCITO PORTU-  
GUEZ,

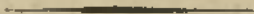
Ao qual se deve o renascimento do valor Lusita-  
no, por meio de huma vistosa Illuminação se  
lião estas famosas Quadras de dois  
atilados Engenhos:



Do lado direito.

*Cesse o justo louvor, que a honra inflamma,  
Do Bussaco, Roliça, e Talavera:  
Novos aureos Clarins emboque a Fama,  
Para exaltar a Gloria de Albuera.*

Ferraz de Campos.



Do lado esquerdo:

*Rasgada Nuvem de tormenta horrivel  
Ao Gulto sobre subito desmuio:  
Hespanha he Relampago terrivel,  
He Britannia o Trovão, he Lysia o Raio.*

Por Santos e Silva:





AOS 4 DE JUNHO DE 1811,

DIA PLAUSIVEL,

P O R S E E

O NATALICIO DO PODEROSO,

E

AUGUSTO JORGE III.

NO CENTRO DE HUMA MAGNIFICA ILLUMINAÇÃO

SE VIA A EFFIGIE DESTA MAGNANIMO

MONARCHIA.

E se lião os seguintes Versos do insigne  
Santos e Silva.

---

Do lado direito.

*Eis o Rei, que não só de Lysia o Povo,  
Mas o Orbe inteiro, qual Atlante, ampara;  
Que Leis promulga em Mundo antigo, e novo,  
E se mais Mundo houvera, lá chegára.*

Do lado esquerdo.

*Conta Lustras quatorze o Rei Superno,  
Mas não tem conto as Ditas que promove;  
Se as não contasse, fôra em tudo eterno,  
E a Terra adoraria hum novo Jove.*

---

# J O R G E .

---

## C A N T A T A .

---

**N**EGRAS mil, prelias nuvens enlutavão  
 O vasto Imperio do ruidoso Eólo,  
     Do bojo horrendo a espaços  
 Sulfureas Serpes rábidas soltando ;  
 Presidião Trovões ao igneo parto ;  
 Com medonho estridor bradavão Grutas ,  
     E broncas Penedias ;  
 Em guerra contra o sólido Elemento ,  
 Feróz bramia Océano espantoso ;  
     Abrindo immensas fauces  
     Immutaveis Rochedos ,  
 Soberbos Promontorios combatia ,  
     Tentando em vão traga-los ;  
     E a raiva de vencido  
 N'hum dilúvio d'espumas derramava.  
     Eis o quadro horroroso  
 Do execravel , medonho , infausto Dia

Em que surgio no Globo  
 A Prole mais gentil do Phlegethonte,  
 Napoleão, universal flagello.

Phebo, e Cynthia escondêrão,  
 Tres Sôes depois, tres antes, seus divinos  
 Lumes graciosos, alma do Universo.

Na Safira convexa  
 Não scintillou Planeta;  
 Convulsa a Terra pãvida mugia;  
 Só no Imperio de Pluto  
 D'est'arte a Morte, e as Furias exultárão.

## A R I A.

Estygia Peste insana  
 No Globo se propague;  
 A prole humana esmague  
 Feroz Napoleão:  
 Deponha a foice a Morte,  
 Pranto resôe eterno;  
 Para povoar o Averno  
 Sôbra do Corso a mão.

Não dormem Deoses, quando exultão Furias.  
 Dos Abysmos na lobrega morada  
 Prazer atrôz pullula d'entre as chammas,  
 Quando Jove punir mortaes medita.

Mas prévia duração marcou Saturno

De Plutão aos projectos.

Sciencia inexanrivel,

Immensuravel força os prende, e os torna

Apenas concebidos abortados.

Precede o tormentoso, negro Inverno,

Primavera louçã, graciosa, e meiga ;

Aos furores de Jove

Em almos seguem nítidos chuveiros

Milagrosos sorrisos ,

Que dão vida, e prazer á Natureza.

No lucido Oriente assonna egregia

Em rubro carro festiva Aurora,

Mensageira gentil d'estranhas glorias.

Nunca tão bella, tão pomposa nunca

A Esposa de Titan os vitreos Laras

D'Amphitrite deixára.

Do excelso Olympo os Deoses debruçados

Com vistas cobiçosas lhe deverão

O cõllo virginal, das Graças mimo,

Dando a Jno pezar, ciume a Venus.

Phebo reprime os fervidos Ethontes,

Temendo que seus raios

Toquem, confundão, crestem,

O rubido fulgor suave, e ameno,

Que delicias orvalha no Universo.

Oh Natal portentoso,  
Do Magnanimo JORGE! . . . , Oh Luz ditosa,  
Que seus olhos tocaste a vez primeira!

De Ti manar se observão  
Torrentes de sem par, prodigios tantos,  
Quaes a Mente abranger não pôde absorta! . . .

Oh Dia sempiterno! . . .  
Qual és Tu! . . . Qual se ostenta o praguejado,  
Que vio do Corso atroz o nascimento!  
Hum deriva dos Ceos, outro do Inferno.

## A R I A.

Quando a Prole cruel do Cocyto  
Detestavel, horrenda, funesta,  
Pelas fauces da Córsega infesta  
Todo o Globo com peste fatal:  
Já d'Albion ao paiz portentoso,  
Por sublimes Heróes habitado,  
Tinha Jove o remédio, enviado  
No de JORGE Supremo Natal.

No centro do Esquadrão pomposo, excelso  
D'insolitos Milagres,  
Dos de fulgor divino inclita prole,  
Lustros quatorze, que vaidosos marcão  
A gloria de Albion, de JORGE a vida;

Hum se avanta ja tanto , avulta , e cresce !  
 Que subito se eleva  
 A's luminosas Plagas ,  
 Onde Marte , Saturno , e Herschel brilhão.  
 Planeta novo de luz propria , egreja ,  
 Que WELLINGTON se chama ,  
 Oh Astro fulgurante !  
 Satéllite de JORGE portentoso !  
 Quem da stirpe de Apollo  
 Em teu almo fulgor não se abraza ?  
 Quem se esquivá prestar-te incenso , e aras ,  
 Que Luso , ou Anglo seja ? . . .  
 Das orgulhosas , nitidas Piérides  
 Melicós sons absorves ,  
 Como das plantas Phebo o grato aroma .

## A R I A .

Veio a candida Harmonia ,  
 Que paixões cruez desterra ,  
 Dó alto Olympto á fragil Terra  
 A Virtude excelsa honrar .  
 Em WELLINGTON brilha , e JORGE  
 Da virtude a luz superna ,  
 Hymnos mil de Gloria eterna  
 Se lhe devem tributar .

Trajando, em vez de Purpura lustrosa,  
 Da esqualida Tristeza infaustas roupus,  
 Submersa em pranto, a descorada Elysia

Solta, a ágnos gemidos

N'ausencia dolorosa

Da sempre amavel Bragantina Prole,  
 Vergonhosa volvia os fróxos olhos  
 Aos melindrosos pulsos, roxeádos  
 C'o pezo enorme dos nefandos ferros,  
 Que á traição lhe lançára a Tyrannia,  
 Assim vagando afflicta, e solitaria

Do flavo Têjo ás margens,

Occulto lhe seguia incertos passos,

Com vigilancia Argólica,

Envolto em subtil nuyem milagrosa,  
 O Genio d'Albion, que em aureo Cofre  
 Pranto, e suspiros lhe guardava ancioso.

Soltando as niveas plumas

Alados mensageiros de hora em hora,  
 Mais velozes que o raio, os conduzião  
 Ao Sólío augusto do Supremo JORGE.

Affavel, e mavioso

O Semi-Deos Britano os recolhia,  
 E na Mente que envolve altos Mysterios

Em premio á mesta Elysia

Mil vindoiros triunfos decretava.



## A R I A.

Da meiga Venus

Ternos desmaios

A Lusa Prole

De Jove aos raios

Furtárão já.

Em si tem Lysia

Potente escudo ;

C'hum só suspiro

Por JORGE tudo

Conseguirá.

São de JORGE os designios Lei do Fado ;

Valem desejos seus d'Elysia a gloria.

O suspirado instante eis surge , eis brilha ,

Fatal ao Corso atroz , propicio á Terra ! . . .

Neptuno alçando o mádido tridente ,

Ao tímido Oceanio ,

Que applane , ordena , as espantosas Vágas :

Nas Eólias Cavernas

Bóreas ferrollia os insoffridos Euros ;

Sópra fresco Galerno , e as salsas ondas

Vêrgão c'o pezo das nadantes Quilhas.

Anjo exterminador da Tyrannia ,

WELLINGTON apparece

Pomposo á frente das Britanas Hostes.

A Victoria o precede ,  
 A Escravidão baqueia ;  
 E o Genio d'Albion trocando altivo  
 Em cheirosos festões de Lysia os ferros  
 Na Roliça , e Vimeiro ,  
 Faz de JORGE cumprir sacros projectos.

Inflamnada torrente de Victorias  
 Abraza do Tyranno átras Phalanges ;  
 O gélido Temor plumas empresta ,  
 Com que se esquivem malfadados restos  
 Aos insanaveis golpes  
 Da Lamina terrivel ,  
 Que na dextra de WELLINGTON flamejá ,  
 Qual raio abrazador na mão de Jove :

Talavéra , e Bussúco  
 Fuentes d'Honor , e a sanguinosa Albuhêra  
 Indispensaveis torção  
 Aureas centenas de Clerins á Fama ,  
 Em rósea , subtil nuvem ,  
 Desce do Olympo candida Alegria ,  
 Que os Lusos aviventa :  
 Iris desdobra n'azulada esfera  
 Listão setieolor , Nuncio de glorias :  
 D'arábicos perfúmes  
 Aos astros sobem mil fragrantés globos :

E na celeste abobada resôa

Em honra Tua, ó JORGE,

E do Teu sempre fausto, NATAL DIA,

O almo fragor dos Hymnos:

C O R O.

Bem como scintilla

Na esfera azulada,

O rosto gracioso

De Cynthia argentada;

Assim portentoso

De JORGE sublime

O Nome famoso,

Com brilho dohrado,

Qual novo Planeta,

Ao Mundo assombrado

Propicio fulgura;

Varrendo os flagellos,

Produz a ventura;

D'atroz Tyrannia

Consegue Victoria;

Derrama alegria,

E sólta da Gloria

O fausto Clarão.

A Europa respira,

Triunfão os Lusos;

Com raios profusos

Britania rutilla ,  
 E o Throno vacilla  
 De Napoleão.

*Por J. S. F. de Campos.*

### S O N E T O.

**N**o Téjo arfando, mil nadantes Quilhas  
 Ao teu fausto NATAL, ó JORGE Augusto ;  
 Honrão, troando, a gloria com que brilhas ;  
 E ao Téjo dão prazer, e ao Sena susto.

Remotos d'Albion, a flor das Ilhas ;  
 Adorão Lusos, e Bretões teu Busto,  
 Que só produz tamanhas maravilhas  
 Hum Governo, que he sabio, he livre, he justo :

Assim he gloria extrema o ser Monarcha ;  
 Onve quaes preces Lysia aos Ceos envia,  
 Grande Rei, cujo Nome o Mundo abarca :

„JORGE nos ha salvado á tyrannia . . .  
 „Tem sido para nós hum Nume . . . ó Parca,  
 „Eterno deixa tão risonho dia.

*J. B. L. R.*

Aos 12 DE AGOSTO DE 1811

FAUSTISSIMO DIA NATALICIO

D E

S. A. R.

o

PRINCIPE DE GALLES,

REGENTE DA GRÃ-BRETANHA,

Se admirava no centro da pomposa Illuminação o Busto de S. A. R., copiado escrupulosamente do mais fiel Original, que se pôde encontrar; tinha Elle aos lados as seguintes Inscriptões :

Do lado direito.

*Ao novo JORGE , d'Anglia Alto Regente ,  
 Neptuno entrega , em festival transporte ,  
 O ceruloso , vastissimo Tridente ,  
 Qual o entregara ao Pai Egregio , e Forte .*

Do lado esquerdo.

*Hoje Annes conta , e sobre o Continente  
 Lhe cede a Lança o rispido Muvôrte ,  
 Onde , Emulo do Pai , quem lhe faz frente ,  
 Só tem para escolher , ou jugo , ou morte .*

---

*Que de tal Pai, tal Filho s'esperava!*  
Cam. Luz.

---

## ODE SAPHICA.

---

**A'** Corja adusta do Cocito em flammás,  
Igneo ferrolho aos alçapões correndo,  
Porque blasfema a voz não trepe a Jove,  
Lucifer disse:

Eia, meus Socios! ou agora, ou nunca,  
Vai vosso Imperio appropriar-se á Terra,  
E a folgo nosso nossa mão tornar-se  
Arbitra do Homem!

O crime enorme, qual lhe chama o Mundo,  
Pulcro, porém aos olhos meus, que ha pouco  
Sómente as trévas por guarida achava,  
Carceres, brenhas:

A lardeando de Real cortejo,  
 Legiões conta por inzida escolta,  
 Fulgente C'róa sobre a Testa cinge,  
 ————— Purpuras traja :

O que Quadrilha se dizia apenas,  
 Toma d'Exercitos o nome insigne,  
 Composto, ornado de Clarius, de Tubas,  
 Pifaros, Bombos :

Teve taes artes, houve tanta astucia,  
 Furia da Terra, mais sagaz mil vezes,  
 Que todos nós, Napoleão chamada,  
 Rispido Corso !

Da prisca França devorañõs Lyrios,  
 Rude Agnia empolga as Leis, o Deos, as Aras,  
 A quem conserva, para mór afronta,  
 Título iserte.

Ah ! servir vamos ao Mūnoso Amigo,  
 A seu veneno auxilio preste o nosso,  
 E mais desd' hoje distincção não tenhamos  
 Vibora, ou Gallo !



Findára o Monstro ; e pela Styge horrenda  
 Silvo ressôa d'hum applanso atroce ,  
 Latindo , huivando , de Carnage , e Sangue  
 A'vida a chusma.

Eis della já se despovôa o Orco ,  
 E ao transitar da aluvião , eis varre  
 Tres noutes Phebe , e dias tres a Phebo  
 Lugubre eclipse.

Solta-se a Praga , e da nefanda Tropa ,  
 De peito em peito seus Quarteis recebe :  
 Do proprio Corso o famulento Pluto  
 Hospeda fica.

Eis marcha , eis vôa : onde rapina cabe ,  
 Motivo ha logo para a guerra 'iniqua' ,  
 He justo , he santo , das 'cruéis Cohortes  
 Victima , e Preza.

A' Sanha impia das phalanges mixtas ;  
 D' Homens , Demonios , não resiste o Lacio :  
 Cede o Danubio , e sem pudor succumbem  
 Vistula , Rheno :

De si trasborda a ambição cruenta,  
 Q' Alpes transpondo, Peryneos repaça,  
 E alfim de Lysia o Eden Santo, immune,  
 Tetrica piza.

Mas Jove então, o Omnipresente Jove,  
 Q'inda a expensas das cautélas suas,  
 Ouvido tinha ao pestilente Drago  
 Prática horrível:

Que deserta-lo da tenaz masmorra  
 Vira depois, e por arcano occulto,  
 Só franco a Elle, lhe soffrêra, e ao Breno,  
 Improbros estrago:

Agora lá do seu Repouso eterno  
 Vendo-o sacrilego talar impune  
 Seu novo Terreo Paraizo ufano,  
 Cólera finge.

Triçulco raio de provada ponta,  
 Junto de si, ao dextro lado applica;  
 E logo zomba, afouto ri do insulto,  
 Placido, queda! . . .

Como não rira , como não zombára ,  
 Se contra o Gallo , e contra os vós Collegas ,  
 O allivio tinha antecipado ao Mundo  
 No Inclyto JORGE !

Tu , e a Ilha tua , lhe dissera o Nutre ,  
 A's novas Serpes servirás d'açõite ,  
 Até que no Orbe o braço ten lh' extinga  
 Reproba Raça !

Qual servo teu , para fartar-te d'Ouro  
 Trabalha o Sol no coração das minas ;  
 E tua industria em provisões t'imunda ,  
 Polvora , e bala.

No Golfo salso , ás tuas Leis súgêito ,  
 D' Esquadras tuas acõçada a Praga ,  
 As Ondas tema , como teme as Ondas  
 Rabido Bruto !

Porque nas terras a Cêrviz lhe préstres ,  
 Onde arrostar-te se'n orgulhê intentê ,  
 Tens Wellesleys , tens Beresfólds , de Márte  
 Enemlos dignos !

Assim fallára o voci-bronzeo Divo ;  
 E ao mesmo tempo facilita os meios ,  
 Por onde JORGE tãõ gentis presagios  
 Prospero cumpra.

Fez Jove mais : propinquo vendo á Parca ,  
 Por Lei commum , que revogar não cura ,  
 O Rei propecto , em Successor lh'otorga  
 Principe Egregio !

Dá-lhe do Pai o Nome , o peito , a Alma ,  
 Brio , e denodo , a bem do Mundo o zelo ,  
 E o mesmo affecto , cordial , proficuo ,  
 Intimo ao Laico :

Ao Filho Raro da Rainha Excelsa ,  
 Cujos Vestigios reverente adora ,  
 Qual do Bretão a Piza açata o Raro  
 Celebre Filho.

Ambos Regentes , tão Irmãos Regentes ,  
 Em sentimento , em coração , em usos ,  
 Nem que d'hum Pai , ou de Mãi huma fossem  
 Genitos Ambos ! . . .

Vive pois , JORGK ! Adjunto ao Pai Celeste ,  
 Arte , e Vigor , Conselho , e Força unindo ,  
 Dias iguaes a Dia tal contaudo ,  
 Seculos dura :

E com JOÃO , da Mãi sublime ao lado ,  
 A ti ligando o Hespanhol sanhudo ,  
 Embora deixa , que s'agregue ao Corso  
 Dúplece Averno !



## SONETO.

**S**E aos Reis, bem que mór brilho, oh Ceo, exhales,  
 Astros faz ser pomposa imagem tua,  
 Phebo, e Cynthia eclipsarão a luz sua,  
 Em Anglia, e Lysia, Irmans nos bens, e males!

Entre tanto q' Hum, e Outro a monte, a valles  
 Sens raios outra vez não restitua,  
 Do Brazil suppre o PRINCIPE os da Lua,  
 Suppre os do Sol o PRINCIPE de Galles:

Mas dignos já do Throno, em paz, ou guerra,  
 Só Regentes se dizem d'igual sorte,  
 Em quanto olhos a Pareça aos Pais não cerra;

Nem cumpre, que Mór Titulo os conferte,  
 Sem ver primeiro, se Astros tees da Terra,  
 Como os do Ceo, isentos são da morte!

## SONETO.

UNIDO a Portugal JORGE excessivo  
 Dever, ou Sympathia nelle seja,  
 Jura a João, na paz, ou na pejeja,  
 Jámais Anglia deixa-lo, em quanto vivo:

Cioso da união o Tempo esquivo,  
 Porque a possa estragar, em vão forceja;  
 E cansado, por odio, ou por inveja,  
 Com a morte ameaça ao Vello Altivo:

Multiplicar-se anéla o Rei potente;  
 He só Regente o Luso, isto o consente,  
 E nem mesmo diff'rença tal consente:

Mais s'une, e mais; e até q' a Parça assome,  
 Em Anglia, além do Rei, forma hum Regente,  
 A quem dá seu Affecto, e Sangue, e Nome!

## GLOSANDO O VERSO DE CAMÕES.

*Que de tal Pai, tal Filho se esperava.*

O qual serve de Epigraphe á Ode.

## S O N E T O.

**Q**UANDO depois de horrivel tempestade  
 Mostra Fébo hum annel da açeeza trauiça,  
 Pouco a pouco se uugmenta a claridade,  
 Até firmar-se próspera bonança :

Assim a combatida Liberdade,  
 Que tem com JORGE contrastado a França,  
 De hum outro JORGE de mais fiõrea idade  
 Aguarda a sua capital vingança.

Ai! da Hesperia, e d'Europa o que seria  
 Se dos JORGES o Sceptro a não guardava  
 Dos ferozes baldões da Tyrannia? . . .

Mas, se o Terceiro a defendeo d'escrava,  
 Promette o Quarto da viugança o dia,  
*Que de tal Pai, tal Filho se esperava.*



*Ao mesmo.*

S O N E T O.

Dos Britanos o Rei cedendo á idade,  
 Porque della se vê no frio Inverno,  
 Depõe o pezo enorme do Governo,  
 Mas não depõe a Regia Magestade:

Quer exultar a horrivel Divindade,  
 Que os furores da Guerra extrahie do Averno;  
 Mas dá-lhe a padecer tormento eterno,  
 Do Quarto Jorge a immensa claridade:

Este, do Grande Pai ciugindo o Louro,  
 Pela veréda vai, que elle trilhava,  
 Abrir as Portas a feliz vindouro:

Braveje da Discórdia a furia brava;  
 Cumprio-se d'Albion faustoso agouro,  
 Que de tal Pai, tal Filho se esperava!

*M. A. de B.*



AOS 15 DE SETEMBRO DE 1811,

**D I A** ,

SEMPRE MEMORAVEL

A

**NAÇÃO PORTUGUEZA,**

P. O R

SER O TERCEIRO DIA DO ANNIVERSARIO

DA FELICISSIMA

**RESTAURAÇÃO DESTES REINOS,**

HAVIA NO CENTRO DA ILLUMINAÇÃO

HUM QUADRO,

Que representava ao natural a Effigie de S. A. R.,  
o PRINCIPLE REGENTE N: S., e Lysia curvada, co-  
mo fallando pela Nação, e mostrando sustenta-  
da por dois Genios huma fita, onde se lia  
o seguinte Verso:

---

Do salvo Povo os Corações aceita.

Ao lado direito se lião estes Versos:

He este o dia em que os Heróes do Têjo  
 Co'a Britanpa, guerreira actividade,  
 Por entre asombros de valor sobejo  
 Se forão collocar na Eternidade.

E da parte esquerda os seguintes:

PRINCIPLE amavel, Produção celeste,  
 Se Contigo o Brazil ufano exulta,  
 Iysia te vio nascer, e as Armas veste  
 Contra o Monstro feroz que os Ceos insulta.

---

*Glozando o Verso do Quadro.*

## S O N E T O.

**L**A' no Templo da Fama hum Quadro existe,  
 Obra sublime de immortal Camena!  
 He caro ao Téjo, injurioso ao Sena,  
 Porque hum alegre faz, faz outro triste.

Lysia apparece alli, quando resiste  
 C'o a Britanica força não pequena  
 Contra o Gallo feroz, que se envenena,  
 E de opprimilla a seu pezar desiste:

Mais ávante (apurando-se a Pintura)  
 -Sobre abattidas Aguias se deleita  
 João, que tem lugar na sacra Altura;

C'o as palmas de WELLESLEY o Sólío enfeita,  
 E das mãos do Prazer, e da Ventura  
*Do Salvo Povo os Corações aceita.*

*M. A. de B.*

*Ao mesmo.*

S O N E T O.

**B**ESIAVE fosse quem fira, e quem destrua  
 Unida á do Bretão a Lusa espada,  
 Por teu Braço a victoria foi ganhada,  
 O' PRINCIPE immortal, na ausencia tua.

Tal do Olimpo traõquilla argentea Lua,  
 Sobre seu Throno de marfim sentada,  
 O Oceano, revolve, e socegada  
 No estrago se revê, que he obra sua.

Que digna off'renda pois, s'inda Orfã chora  
 Exhaustos dons, por gratidão perfeita  
 Mandar-te pôde a Grci, que Pai te adóra?

Quando em ferro gemia, lá sujeita  
 Alma lhe tinhas; e demais agora  
 Do Salvo Povò os Corações aceita.

*Santos e Silva.*

*Ao mesmo.*

S O N E T O.

D'ENTRE OS braços d'Aurora se ergue hum Dia  
 D'eterno lucto na Franceza historia,  
 E que os Lusos c'roando co'a victoria  
 Deo novo esmalte á Lusa Monarquia :

Dos ferros que forjáram a Tyrannia  
 Arrancou o Valor a Lusa gloria,  
 Que, estampada nas folhas da Memoria,  
 Co'a Eternidade em duração porfia.

Mas Lysia entre o prazer da Liberdade  
 Saudosa os olhos pelas aguas deita,  
 E augmenta neste olhar sua saudade :

Por Ti, Senhor, suspira, a Ti sujeita !  
 PRINCIPE amado, co'a usual piedade  
 Do Salvo Povo os Corações acceita.

N. A. P. P. M.

*Ao mesmo.*

S O N E T O.

**N**os faustos Ceos de Lysia triunfante  
 Da Liberdade o grito retumbando,  
 Do Sol tres cursos ha que foi voando  
 Aléin das agoas do soberbo Athlante:

Lá sobre o Throno, que salvon constante,  
 O PRINCIRE que tem de Lysia o mando,  
 A' léda nova os olhos levantando,  
 Todo se ergueo, de gosto vacillante.

Oh! PRINCIRE ditoso, exulta, e vive,  
 Paraque esta Nação, de Jove eleita,  
 Dos Teus Decretos os seus bens derive:

Da Patria, como Pai a olhar-te affeita;  
 De Lysia, que na gloria hoje revive;  
*Do Salvo Povo os Corações aceita.*

*N. A. P. P. M.*



NO PLAUSIVEL ANNIVERSARIO DA NOSSA FELIZ  
RESTAURAÇÃO.

---

O D E.

RINDO Natura, em sazonados fructos  
Remunerando gráta  
Ao Colono os sollicitos desvélos,  
Repéte Phebo o Dia,  
Em que Lysia resurge, o Ceo resfolga!

Resurge Lysia, que do Throno invicto  
Por sete évos de gloria  
Cahira á falsa fé em jugo horrendo,  
De cujo abysmo salva  
De crême, e rosas quadas novas suica.

Resfolga o Ceo, que por fatal Diploma,  
 Figurando esquecer-se  
 D'Ourique, e Pacto seu, quasi perdia  
 O melhor feudatario  
 Do justo incenso, que lhe solve o Mundo.

Oh Phebo, oh Dia! quando a nós luz tua  
 Tu volvas, não consintas  
 Que leve sombra a face te marêe;  
 Chuvas, trovões, e raios,  
 Ao transitar no Sul, em Gallia esgóta.

Mais depurado assim, e mais sereno,  
 Qual ministrar costumas  
 Após o Inverno a Primavera opíma,  
 Declina ao Norte, e farta  
 De riso, e graças o Jardim dos JORGES.

Com teu hálito santo ao Rei bafeja,  
 E do Filho prestante  
 Hum novo osculo rouba, com q'em mimo  
 A João congratules,  
 E que João transfira á Grei, e á Próle.

Com elle traze mais troféos, mais lauros,  
 Pomos aça, e perfumes,  
 Que formão, ao voltaes, teu cortejô;  
 E roga a Céres pia,  
 Q'em dobro te franquêe os seus Thesoiros,

Mas sobre tudo, liberal, profuso  
 Do néctar c'ron as taças;  
 Q'apráz a Brômio, apráz ao proprio Jove;  
 Porq'humã vez, mil vezes  
 Eu brinde a Ti, ao Ceo, ao Anglo, á Lysia!

*Santos e Silva.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILOSOPHY

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT

AOS 17 DE DEZEMBRO DE 1811,

NO PLAUSIVEL,

E

SEMPRE FAUSTISSIMO DIA DO AUGUSTO NATALICIO

DE

SUA Magestade FIDELISSIMA

A

SENHORA D. MARIA I.,

VIA-SE

No Centro de huma bem delineada Illuminação  
o Retrato de S. M. Fidelissima.

---

## SONETO.

**T**ENDO as chaves do Empyreo luminoso,  
 He voz que Pedro, o que já foi no Mundo  
 Vigario do Deos'Grande, alli jucundo  
 Recebe os Hidos deste Valle umbroso;

Hoje de Lysia o Tutelar mimoso  
 De propectas idades rol fecundo  
 Appresentando alli, nunca iracundo  
 Porta lhe abre o Celicola ditoso.

Eis mostra o Genio immensos Soes, e Luas  
 De MARIA; e o Apostolo sagrado  
 Lhe diz: Não: Essa acolhe d'azas tuas:

D'Essa accetar por ora estou privado;  
 Do raro exemplo de virtudes suas  
 Inda carece hum Orbe depravado.

Ao lado direito estes quatro Versos:

*O Berço em que te vio feliz Destino ,  
O' Tu de Jove portentosa Filha ,  
Súbito foi por impeto divino  
Mudado em Astro, e' como os Astros brilha.*

B.

E do lado esquerdo est'outros:

*Qual se requinta na Estação de Flora  
O júbilo geral da Natureza ,  
Assim também do teu Natal na hora  
Requintão Lusos Nacional grandeza.*

M.

## SONETO.

COM a Alma em Lysia, por quem inda anhela,  
 Lá nos faustos Brazis a excelsa Augusta  
 Já sentia o seu prumo, Recta, e Justa,  
 A inevitavel, ultima procella:

A's virtudes sem pár que brillão Nella,  
 E aos annos accurvando, o golpe a assusta;  
 E com a dor que ausencia tal lhe custa;  
 „ Adeos, adeos (profere) ó Patria bella.

Lysia porém, que nella só medita,  
 Que Nella vive, Nella se quebranta,  
 E a despedida escuta, assim lhe grita:

„Primeiro os Lusos teus, em perda tanta  
 „ Já mortos de saudade, resuscita,  
 „ E vò a logo ao Ceo, Rainha Santa.



## SONETO.

**D**os Lusos meus a Soberana, a Diva  
 Ha de eximir-se do furor dos Annos:  
 ( Assim dizia aos Numes soberanos  
 O Nume superior, que tudo aviva. )

Não foi de balde que a salvei da altiva  
 Gallia, que préza dissensões, e enganos,  
 Quando de Chefes barbaros, tyrannos  
 A Lusa Capital ficou captiva:

Não foi de balde que no pinho leve  
 Das furias a salvei do Mar profundo,  
 Que contra os Astros horrido se atreve:

Quando da guerra o Monstro furibundo  
 Nos abyssos calir, MARIA deve  
 O Estandarte da Paz mostrar ao Mundo.

## O D E.

**D**e chuvas, e granizos carregado  
 Dezembro carrancudo  
 Aos dezeseite Sôes surri-se, e enxuga  
 A rispida melena;  
 Conjura os Aquilões tempestuosos;  
 E deixa livre o espaço  
 Aos ligeiros Favonios, que, batendo  
 As plumas lisongeiras,  
 Dissipão os vapores, e abrem campo  
 Para o fulgor Celeste:  
 Na auri-fulva flammi-voma Carrôça  
 C'o flagello das luzes  
 Erguido Febo, fêrvido, affugenta  
 As Nuvens, açoitadas  
 Pelo sôpro subtil do vento amigo,  
 E polos Ceos de Lysia  
 Fulgurante se estênde em pompa o Dia.  
 Sete vezes com esta,  
 Sobre gyros do Sol dez vezes sete,  
 Tem este a nós volvido,

Cada vez mais ditoso , e suspirado ! . . .

Salve , Luz que derramas

Sempre hum novo esplendor na Lusa gloria :

Salve , Momento augusto

Que exalçaste contigo a Natureza ,

Trazendo á luz da vida

A Rainha immortal , que aos Lusos Póvos

Com varonil sapiencia . . .

Deo Leis , e Leis manteve , em seu Reinado

Faustissima apurando

As delicias de Themis com Astréa ! . . .

Oh ! ditoso Governo ,

Quem te negára lagrimas , se o Sceptro

Próspero não pezasse

Na Dextra de João ? . . . Quem , senão Elle ,

Nos dera a cópia tua ? . . .

Debalde a tyrannia fraudulenta ,

Alvorotando a Europa ,

Attenta á Lusitana liberdade ;

Teu soberano influxo ,

D'além do Athlante reflectido n'alma

Dos Póvos que te adorão ,

Por sua mão , na sua voz Teu Nome ,

Se desata em prodigios .

Porque não hão-de as Leis da Natureza

Quebrar-se quantas vezes

Assim vier proveito á Humanidade ?

Porque não hão-de os Annos  
Correr, semque a Velhice inerte opprima  
Entes que o Ceo formára,  
Para fazer feliz submisso Povo  
D'hum, e d'outro Emispherio ? . . .

N. A. P. P. M.

---

*Desembarcando no mesmo Fausto Dia , para o tor-  
narem mais plausivel e glorioso , os Captivos  
ultimamente resgatados do Poder Ar-  
gelino , &c. &c.*

## S O N E T O .

**D**EEAIXO das Cadêas , q' arrastrava ,  
Guardando-te em seu peito a Face illeza ,  
Fida Porção da Gente Portugueza  
Por te ver , oh Rainha , suspirava :

O Ceo , q'alli por Lusa a respeitava ,  
É porque nella habitas , mais a préza ,  
De Lysia move a natural Grandeza ,  
Que pranto , e ferros quebra á Prole escrava.

Já sobre o Lár , que beja , a Ti correndo ,  
Brinda Ella ao teu Natal . . . ah ! Fado opposto  
Longe ha muito , a que busca , está detendo : . . .

Mas Providencia foi , q'assim ten Rosto  
Fosse ausente ; ou de jubilo morrendo ,  
O q' a magoa não fez , fizera o Gosto !

*Por Santos e Silva.*

## SONETO.

Nos longos Penetras da Providencia  
 Remedio a todo o mal está guardado :  
 Por Ti, Senhora, se tornou baldado  
 Todo o furor da Córscica insolencia.

Nem só por te eximir de atrás violencia  
 Atravessaste o Pélago salgado,  
 Que dess'arte o Brazil foi preservado  
 Da Franceza, pestifera influencia.

Em Portugal, por Ti com raio activo  
 Da liberdade a estrella luminosa,  
 Agoira a queda do Tyranno altivo ;

E he tua influição tão portentosa,  
 Que em Teu Natal o misero captive  
 Liberto abraça a Patria Mãi ditosa.

Aos 15 16, e 17 DE FEVEREIRO DE 1812,

EM APPLAUSO

D O

FAUSTISSIMO NATAL DO PRIMEIRO FILHO

D O S

SERENISSIMOS SENHORES,

PRINCEZA

D. MARIA THERESA,

E

INFANTE D. PEDRO CARLOS,

NO CENTRO DA ILLUMINAÇÃO,

*Em hum Quadro da invenção de Henrique José  
da Silva,*

Se representava Mercurio depositando na mão das  
Graças, como dádiya de Jove, o Recem-nasci-  
do, e amostrando-lhes o Signo de seu  
Nascimento.

Do lado direito do dito Quadro se lião estes qua-  
tro Versos :

*De hum Tronco pelos Nomes defendido  
Erão Ramo feliz MARIA , e PEDRO : ;  
Deste Ramo vem outro ; e como hum Cédro ,  
Inda o veremos para os Ceos erguido.*

E do esquerdo os seguintes :

*O Deos cuja eloquencia os Deoses move  
Foi das Graças em mão depositallo ;  
E as Graças a sorrir hão de educallo  
Dos Reis inveja , imitador de Jove.*

M.



## O D E,

*Per voi scrivo, a voi parlo; or voi prestate  
Favorevoli orecchi al cantar mio!*

Marini. Adons. Canto 3.<sup>o</sup> Stanza 1.<sup>o</sup>

---

**Q**uz alegre vem do rubido Oriente  
Salindo o Sol! . . . tão morbido, tão ledo,  
O thalamo da Noiva  
Não deixa Arabe Esposo  
Por olhos, e por faces ressumbrando  
Mimos, triumphos, que fruio de noite.

---

Rosas collidas no Jardim da Aurora  
Cingem-lhe a fronte, e em mil festões lhe ondeão  
No peito, e sobre a espalda! . . .  
Fumão-lhe em aureo vaso  
O perfume Pangeo, que enrola em nuvens,  
O aromatico Alôes, Sândalo ameno! . . . (1)

---

(1) Não nego ser esta Pintura copiada de hum  
Solerto Painel, cuja estampa, gravada em Londres,  
ha pouco vi.

Tal sobre o côche esmeraldino vóa,  
Setas vibrando de esplendor mais vivo!

Por Auriga a ventura

O ímpeto refrea

Dos fogosos Ethontês, que não pôde,  
Por seu mal, subjugar o audaz Clímenio.

Salve Dia da Paz, que nós conduzes

Luminosa Porção do Astro mais puro,

Porque espirito influas

No abençoado fructo

De MARIA, e de PEDRO! eis elle assoma,

E dos Pais, e do Avô resume os dotes.

No Mundo antigo, e novô atrôa o brado,

Que abona a redempção de Lysia em risco!

Do florido Janeiro

As Nymphas melindrosas

Tecem Choreas, Canticos ordenão,

Que lhe repete o Téjo, applaude o Thames.

Mil parabens, oh Patria, oh Mãi preciosa,

Tu viveiro de Heroes, Berço de Nunes! . . .

Tu inda encontras graça

Ante os olhos de Jove,

Que em tí se alegra memôre do Pacto,

Que a elle te enlaçou no sacro Onrique! . . .

Blazone embora o Despota orgulhoso  
 Do Senna, e Rliin, que de Bragança a estirpe  
 Co' a de Bourbon findára :  
 De Bourbon, e Bragança  
 Nova vergontea fulgida rebenta,  
 Onde Planta Real jámais brotára !

Começa a distinguir, mimoso Infante,  
 No affectuoso sorrir materno affago. (1)  
 Na purpura nascido  
 Vê lustroso concurso,  
 Que te rende homenagem ! Turba immensa  
 De Heroês nos Climas teus, brazão de Lysia.

Sobre o mosquete horrisono se encosta  
 O grão Caramurú, trovão dos mares ! . . .  
 Cada passo, que move,  
 Protervos invazores  
 Parece inda esmagar Vieira ouzado ;  
 Generoso rival, Barreto o segue.

---

(1) *Incipe, parve Puer, risu cognoscere matrem.*  
 Virg.

Crespa a grenha , bravio em fraze , em modo  
 De Marte ò 'Coração , de negro a face ,  
     Do grupo se destaca  
     O portentoso Dias ,  
 E , qual Héitor Brazilico , e Sarpédon ,  
 Abraça hum , que lhe he Par em côr , em brio.

---

Que embebido ouvirás ( crescendo a idade ,  
 E fulgindo a razão ) de Heroes tão grandes  
     A Chrónica instructiva ! . . .  
     Que estimulos de gloria  
 Não sentirás ao lères-lhe as Façanhas ,  
 Golpes , que derão , Póvos , que denárão ! . . .

---

Cresce Infante gètil ! no Avô piedozo ,  
 Na encantadora Mãi , no Pai sublime  
     Modelos tens viventes ,  
     Onde apprendas sem custo  
 Quanto pôde moldar a hum Regio "Peito" ,  
 Quanto pôde hum mortal subir a hum Nune ! . . .

*Costa.*

---

---

## DITHYRAMBO.

---

**E**m' lanta meza fúgidas baixellas  
 Com profnza iguarin  
 Não tenho; menos tenho ricas télas,  
 Com que te applauda, ó nobre, ó fausto Dia:  
 Mas hei alvo barrete, limpo chambre,  
 E transparentes côpos,  
 Que encher possa, e vazar de crespo alamibre.

---

Começa Tu, conforta-me primeiro,  
 O' ríbro, ó alto Douro;  
 Segue-te, ó Carcavellos; sê terceiro  
 Meu Setnbal, que em preço, em côr és ouro:  
 Longe daqui, ó Malga, ó Rhenó frio,  
 Infectos pelo Gallo:  
 Chega Tu, generoso Lavradio.

Salve , ah ! Bromio , evôé ! Grata vertige

Me volve em nova essência :

Fôge de mim ao Orco , á negra Estyge ,

O' torpeço , ó deslumbre , ó indigencia ,

Dois Soes , tres Soes eu vejo , azas eu cobro ;

Esse fatal Cometa ,

Que ha pouco reluzia , eu calco , eu dobro ,

Quem faz , que o puro Elysio se me antolhe ,

Vedado á turba ignava ! . . .

Porém que tronco immenso os pés me tolhe ? . . .

Ah ! cahida he de Alcides a grão clava ;

Eu levanto , eu suppezo o domi sublime ;

Mas que inane , que leve !

Para o ferreo meu braço he cana , he vime .

Evita , ó Brenno , ó Corso furibundo ,

A desigual peleja ;

Das tetras Legiões liberta o Mundo ,

E a sagrada Peninsula despeja . . .

Ou , se teu nescio orgulho avante passa ,

A meus golpes succumbe

Comtigo a tua pestilente Raça .

Cá d'alto, sobranceiro aqui aos Polos da vida  
 Extincta . . . aniquilada . . .

Mas não: contra-arma: toas, e teus dolos  
 D'Wellington lá he' a invicta espada!  
 Golfos de sangue o' Vate já nauzião,  
 E ver sómente anhela . . .

Graças, Amores que júnmais sacião . . .

---

Evoé, ó Madeira, o teu reflexo  
 Remate o meu convite: . . .

Correi Noivos; soltai em doce amplexo  
 Os olhos nuídos, que Hymeneo permite  
 Folgai, brincai, á guerra, pranto, o lucto;  
 Só briga Amor sem crinac, . . .

Airosos são de Amor a lide, e o fructo . . .

---

Do Vergel, que por thálamo prestante  
 Cauto Amor vos sumia . . .

Desde évos, e'roar vinde o Rancho ovante,  
 O PEDRO raro, ó singular MARIA:  
 Penhor grato, em desconto á bruta sanha,  
 Trazei, ó Par excelso, . . .

Com que Lysia se appráza, e exulte Hespanha!

Oh ! vigiando em torno o Pai valente  
 A prenda prèciosa ,  
 O que gloria vai ser de tanta Gente ,  
 Já no côlo conduz a Mãi formoza :  
 Inda Lucina a segue ; e no seu trilho  
 As Graças vem mimozas  
 O Pai abençoando , a Mãi , e o Filho.

---

Marte , e Neptuno ao longe o passo appressão ,  
 E mais cada hum se avança ,  
 Porque ao pulchro Menino em dote off'reção ,  
 Neptuno o grão Tridentê , e Marte a Lança! . . .  
 Vem , Morfeo : bem que eterno o somno seja ,  
 Após tal scena vista  
 Pouco importa , que nada mais eu veja.

*Por Santos e Silva.*

---



## SONETO.

**R**EBRAMA pelos Ceos da Liberdade  
 O espantoso Trovão da Tyrannia ;  
 Mas na Ibera , e na Lusa Monarquia  
 Fulge o clarão da antiga Heroicidade.

Quanto mais cresce a Còrsica maldade ,  
 Mais de seus Povos o valor porfia ;  
 E Bragança , e Bourbon são Luz , são Guia ,  
 Com que affrontão na Fama a Eternidade.

Dos dois Augustos Troncos Magestosos  
 Ramos virentes , pelo Ceo fecundos  
 PEDRO—e—MARIA unirão-se ditosos.

E , em seu Primeiro Germe , eis dão jucundos  
 Aos Povos n'alta luta fadigosos  
 Mais huma esp'rança de remir dois Mundos.

## SONETO.

**D**ons excelsos, que America procria,  
 Não mais já gabe; aromas que alli crescem,  
 Balsamos, e perfumes, tudo esquecem,  
 Mais raros Dons que Portugal lh'envia:

O Clima aos novos Incolas sorria,  
 Lá pegão, lá vegetão, lá florecem;  
 Ao mimo, ao brilho, que o Brazil guarnecem  
 D'Europa unindo a Arte, e Ufania:

Eis que em lindo Consorcio o Ceo prospera  
 Ao Pár viçoso, e já sublime Fructo  
 Do recém-laço aos Astros reverbéra!

Ditoso Gentilissimo Producto,  
 Que Lysia com os Pais ver inda espera  
 Até então saudosa em pranto, em luto!

*Santos e Silva.*

Aos 10 DE ABRIL DE 1812,

N O D I A

EM QUE ESTA CAPITAL CELEBROU O  
FAUSTO ACONTECIMENTO

D A R E T O M A D A

D E

B A D A J O Z,

Por entre a costumada multidão de lumes se via  
hum Quadro com Figuras ao natural, em que  
estava Marte, Lysia, e a Fama, mostrando ao  
Tempo o Retrato do Lord WRELLINGTON, a cujs  
apparição o Exercito Francez (figurado em Har-  
pías) foge precipitadamente perseguido por hum  
Genio; no alto do Quadro se lia o seguinte  
Verso:

*E's Fabio a defender, no ataque és Cesar.*

Do lado direito lião-se estes :

*Eis cahe de Badajoz o riço muro,  
Após Rodrigo em lugubre desmaio ;  
Que para o Corso escusa Jove o raio,  
De WELLINGTON the sóbra o nço duro.*

Do lado esquerdo estes :

*Louros, treféos, que a barbara Quadrilha  
Cenhado havia no guerreiro Norte,  
Com BERESFORD á frente o Luso forte  
Das mãos the arranca, e a altivez the humilha.*

*Cedendo ultimamente ao immortal WELLINGTON a  
importante Praça de Badajoz.*

---

## O D E.

**P**ÔMPROS, e Scipiões, Marios, e Syllas,  
Com outros, que aturdirão Roma, e Grecia,  
Sábia, ou Conquistadora,  
Calai, imudecei! pela garganta  
Da Fama estrugidora  
Novo pregão mais alto se levanta!

---

Da Fouce varredora o Tempo armado  
Colossos, e Pyramides não poupa  
A seu estrago, ou damno;  
E o Relogio, que traz nas mãos impías  
Do transitorio Humano,  
A' Vida, e Nome lhe assigna-la os dias.

Não ao teu, oh VELLINGTON! longo, eterno,  
 Qual se preza de ser, volúvel, vario.  
 Na posthuma Memoria,  
 Q'a seu folgo, ou incurta, ou faz q' avança,  
 Em dizer tua gloria  
 Ha de o Tempo cançar, sem q' ella cance!

O teu ferro admirou primeiro o Ganges,  
 Logo o admira o Tejo, o Norte assombras,  
 O Sul deixas pasmado:  
 Remindo as Gerações, e aos Coos aceito,  
 D'hum lado em outro lado  
 A teu braço tem sido o Orbé estreito.

Quando porém no resto do mais Mundo,  
 A quem dá morte o Corso fraudulento,  
 Teu Braço não assome,  
 Para que delle a fama seja ouvida,  
 Fallarão do teu Nome  
 Hespanha, e Portugal, a quem das Vida

Por feio dolo escrava, a que por armias  
 Nunca o foi, não será, nem se-lo pode,  
 Lysia a vencer só prompta,  
 Tu de Triplice jugo a desagravas,  
 E a sacrilega afronta  
 Do tetro Usurpador no sangue lavas.

Mas em ti não cabendo, menos cabes  
 No perpétuo Vergel d'immensos louros,  
 E a nuvo mais aspiras;  
 Olhos erguendo emão do Breno ao Throno,  
 Mãe delle os não retiras,  
 Semque nas mãos o vejas de seu Dono.

Eis não marchas; eis vòas; fio, ou monte  
 Não ha, que talha tens invictos passos;  
 E a immortal Talaveira;  
 Q' em tua estrada a barbara Quadrilha  
 T' oppunha por barreira,  
 Jaz d'hum Golpe a teus pés, a frente humilha.

Em dia Estivo, não tolera Phebo,  
 Q' a face lhe macule perto, ou longe  
 Rebelde nuvem feia;  
 E teu raio-inclinando ahivo e justo  
 Contra Rodrigo alheia  
 Quasi antes de intresti-la cahe de susto.

Debalde ao mesmo Phebo quiz Natura  
 O Espaço dividir em Plagas, Zonas,  
 Huma fria, outra quente;  
 Tu, como elle, teloz no Hispano Solo  
 Levas ten facho ardente  
 De Cantão a Cantão, de Polo a Polo.

Eis treme Badajoz, com ella treme  
 D'enfiado, e atraz volve o Goadiana,  
 Que treme mauda ao p'riço  
 Raça Spuria de torpes Aguias Francas,  
 E que por seu Castigo  
 Cedo as aguas vermelhas faz de brancas.

Vivê, vivê, oh W<sup>ELLINGTON</sup>, nem dezistas.  
 Em quanto hája<sup>s</sup> Tyfannos, da quem punas  
 A tua Espada 'imprensa!  
 Quizesse o Ceo, o por gloria noíssa e sua,  
 Que fosse tão extensa,  
 Qual o Renomé teu, a Vida tua!

Por Santos e Silva.



---

O D E.

E de Portugal de torques Áfricas Francas

E de Portugal de torques Áfricas Francas

E de Portugal de torques Áfricas Francas

**P**roferio ! Sem que o plectro lhe applicasse,  
Da minha Lyra as chordas bulbucião  
Similes sons áquelles, que entoarão

Por Vimeiro, no Bussaco

Entendo-vos, ó Filhas da Memoria;  
E já com Sybillino devaneio  
Do vossó fogo mil centelhas ardem  
N'Alma do vosso Alumno.

Mas do egregio Varão, cuja alta fama  
Em divo metro me ordenais, que exalte,  
Quaes os feitos serão, que eu ora ajuste  
A' Lyra, onde mal cabem? . . .

Direi quando Elle com saber prudente,  
Qual Fabio tardador a afflicta Roma,  
Lysia salvou da rápida insolencia  
Dos Vandalos modernos?

Ou quando, na victoria proseguindo,  
 Ardido Scipião, flagrante Cesar,  
 Nas invasoras turmas fugitivas  
 Os golpes profundára?

Ou quando frente a frente em campo aberto,  
 Com menos numerosos Cavalleiros  
 Crestára o viço, decotára os loitos  
 A flor da escola Còrsica!

Direi que seus designios assombrosos,  
 Em parte, como cumpre, executados  
 Por BERESFORD, e os mais como elle egregios,  
 São milágres da guerra?

Direi? Mas não carecem memorados  
 Por minha voz seus feitos, e seu Nome,  
 Com que a Fama reluz vaidosa alenta  
 A socobrada Europa.

E para gloriar do insigne WELLINGTON  
 Diga-se, e basta: „As Hostes invasoras  
 „ Não ousão de atacá-lo; Lysia he livre;  
 „ E Badajoz remida.„

Na guerra, na victoria prostrando  
 O trono do antigo soberano,  
 E os reinos de tantos reinos  
 E os reinos de tantos reinos  
 E os reinos de tantos reinos

## SONETO.

**P**URA, intacta huma parte do Hemisferio  
 Ha muito o que são frevas ignorava,  
 De gloria o golfo immenso em que nadava  
 Esmalte sendo a todo o solo Iberio  
 Eis que negro vapor, que em vituperio  
 Subito a prumo seu se condensava,  
 De noite eterna o ar ameaçava,  
 Roubando ao dia seu vetusto imperio.  
 Graças ao Ceo! de novo a luz Febra  
 Derrama seu fulgor por valle, e monte,  
 Que de jasmims, e rosas já se arreia:

Badajoz era o fúnebre Horizonte  
 O Gallo foi a nuvem que o maréa,  
 Wellington he o sol que lhe alça a fronte.

E Badajoz temida  
 Por Santos e Silva.

## SCOTINEATCOZ

**C**APTIVO q' bom Fernando em mãos estranhas, V  
 A nobre Hesperia; que em rancor fervia;  
 Indecisa fluctúa; tiero: sabia;  
 A quem consagre as inclitas façanhas:

Eis as doces, ternissimas Entranhas  
 Jove compungo; e a Rectidão lh'envia;  
 Que a CARLOTAS Direitos 'annuncia;  
 D'ambas as Indias; e d'ambas as Hespanhas:

Não mais fluctúa Hesperia; e mutuo abraço  
 Ella se dá; com tão ditoso Herdeiro.  
 Quasi q' esquece o prisco fado escago:

Serve-lhe o ferro teu de Medianeiro  
 Oh WELLINGTON; e ao novo; commum laço;  
 O exemplo Badajoz prestou primeiro:

*Por Santos e Silva.*

## SOINHEIRO

Vezados a eíngir: na frente do loiro  
 Inda outra vez os Lusos trianfárão;  
 A' voz de WELLINGTON fervidòs marchárão,  
 E he da victoria a sua voz o gaioiro.

Novo por armas; pallidò desdoiro  
 Em Badajoz os perfidos provárão  
 Corsos ao ferro: Portuguêz tomárão  
 O medò; quèllhe teve outr'om' o Moiro.

Mas Lysia ufana de troféos q' eíngida  
 Ardendo em gloria y em maior gloria anhellã;  
 Tua Presença; ó Principe, convidã.

Volve, Senhor: Comtigo ausentè della  
 Ella! por seu esforço restã remida  
 Tornando: Tu; quem poderã vencella?

7 de Maio de 1812

Pelo Real Decreto de 1812

o

Real Decreto de 1812

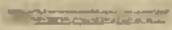
o

S. A. R.

A Real Academia de Ciências

D. CARLOS JOAQUIM

Real Academia de Ciências de Lisboa  
collecção o Real de S. A. R. e  
Historique José da Silva tendo os  
as seguintes segundas



EM 25 DE ABRIL DE 1812.

PELO PLAUSÍVEL MOTIVO

D O

FAUSTÍSSIMO DIA NATALÍCIO

D E

S. A. R.

A SERENÍSSIMA SENHORA

D. CARLOTA JOAQUINA,

No centro da costumada profusão de lumes, está<sup>2</sup>  
colocado o Retrato de S. A. R., pintado por  
Henrique José da Silva, tendo aos lados  
as Inscrições seguintes: .



Do lado direito estes Versos:

Na Iberia apenas os teus dons fulgirão ,  
**CARLOTA** excelsa , dos Bourbons Herdeira ,  
 Mortaes , e Numes jubilo sentirão ,  
 Sorrio-se a vasta natureza inteira.

Do lado esquerdo estes

Retilha affoita as vagas espumantes ,  
 Da opprèssa Hespanha Augusta Successora ;  
 Dos Povos , por te verem anhelantes ,  
 O refugio vem ser , e a Vingadora.



## O D E.

**D**e nascer, e morrer em giro eterno  
 Cançado Phebo pulcrò, e  
 Depoisque de seu Berço recamado  
 D'aljofares, e perlas,  
 Hoje sahira, e que tocara quasi  
 Em seu meio caminho  
 A doce Escala a seus fulgentes raios,  
 Os Brazis venturosos,  
 A prumo já do Ponto lèdo, opimo,  
 Onde seu nome dérão  
 O Mez ao Rio, e o Sacro Dia ao Porto,  
 Ora Emporio do Mundo:  
 Ah! não mais (só consigo Elle dizia)  
 Não mais de tal excesso  
 Em tão extença róta! o negro Occaso,  
 Onde outr'ora tendia  
 Meu rubro coche, a pena desmerece  
 D'huma via tão longa!  
 A preciosa Hespanha, Lysia amavel,

— A qual d'ellas nunca hinda, e sempre teus ois  
 Q'em minha antiga habitação; Carreirã

Eu jámais me desfaytávã; e regiaso es em  
 De vizitar, e ver, e delicias d'minhas, e

— E de Jovẽ e recreo, e de seculares  
 Por influxo fatal, e Vinha e Oisfãas ois

De João e FERNANDO, e de seculares  
 Pouco me attrahem; já me disveitão pouco

Nestã tãnto admiravel, e de seculares  
 Onde por dita d'Ambras, e a bem do Orbe

Dilacerado, e oppresso, e de seculares  
 As glórias d'huniã, e d'outras esperanças,

CARLOTA, e de seculares preserva, e de seculares  
 Reluzir eu farei perpétuo Dia, e de seculares

Em riso, e em amimo, e em graças, e de seculares  
 Cada vez mais gentil, e mais bello sempre;

O Resto d'essa Europa, e de seculares  
 Q'assim degenerado, e obtuso, e cego ois

— Oiscola, e abraço, e de seculares  
 Do Corso assolador, e que sempre ois

— As trevas, e de seculares  
 E o luto applaude, e em luto gemas, e trevas,

— Sem mais olhar-me, e de seculares  
 Disse, e parou; mas Jovẽ Omnipresente

— Q'immutavel, e fixo, e de seculares  
 Em seus tremendos, e feitos Decretos,

Não manda, nem precisa,

Que suas priscas Leis Natura inverta , A

Em sua activa marcha agitada invista

A fim de castigar d'Impios perversos , E

A força, a trama, o dolo , e a insidiv

Em quanto lhe pezar, na Dextra Fulva

O Raio vingativo, o castigo exultar

A demora lhe incrépa, e assim, lhe, torna

Em voz de si terrível, em voz de

Q'avante impelle os rápidos Ethontes ,

Seinque que por tempo largo

Exijão mais o troador flagello :

Prosegue, nem t'importe,

Do tétro Usurpador intriga, ou sanha

Com a de seus nefandos

Satélites iniquos, a quem tenho

A punição guardada :

Vai, aclára entretanto, a piza illustre

Dos Várões, portentosos

Que por FERNANDO, e por João, derramão

Suor, e sangue, e vida

Lá nessa mesma invicta Lysia, e Hespanha,

Dignas de Luz eterna :

N'huma nasceo CARLOTA, impera em Outra,

E talvez inda hum dia

Em ambas dicte as Leis, domine em Ambas,

A Paz voltendo ao Mundo.

## SONETO.

**V**IERA o doce Abril, e os Tetrêos Larês  
 Bordar-se vião de fragrantês flores,  
 Aos campos matizando lindas cores,  
 Brio, esmalte accrescendo aos vitreos Mares:  
 Gentis Volateis povoando os Ares,  
 Seu gorgêo duplicão, e em fulgores,  
 Ou dia, ou noite, os Astros nutridores  
 Fingem reproduzirem-se a milhares:  
 Parecia, q' em torno lédã, e lhãã  
 Qs Cofrês seus a Natureza esgota,  
 A fim d'embellezar sua Obra ufãã;  
 Ah! tudo, menos Eu, revive, e brota  
 Em nova graça, exclama a Espece Humana;  
 E compassivo o Ceo lhe dá CARLOTA!

*Por Santos e Silva.*

## SONETO.

A Carroça velóz dos leves Annos  
 Bate a estrada de Abril, e no Horizonte  
 Vigesima vez quinta o Delio Ethonte  
 Chama ao trabalho os languidos Humanos.

Povos da Iberia, e Povos Luzitanos  
 Hum bem tem hoje que o sen mal desconte;  
 Hoje tem doce luz que os desaffronte  
 D'agras fadigas, de Mavorcios datmos.

Sáera luz de CARLOTA, egregio Dia,  
 Tu dás novo esplendor, dás mais grandeza  
 A' Ibera, e Luzitana Monarquia.

Ah! se a Hesperia ventura assim tens preza,  
 Com Ella tão distante . . . o que sería  
 Se em Gádes sustentasse a summa alteza !: . . .

N. A. P. P. M.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

PHILIPPE HENRI  
ALL RIGHTS RESERVED

Copyright 1840 by Philippe Henri  
All rights reserved. No part of this  
book may be reproduced without  
the written permission of the  
author.

CHICAGO, ILL.  
1840

Printed by [illegible]  
at the [illegible] Press

U. S. DEPT. OF COMMERCE

NO DIA 13 DE MAIO DE 1812,

FAUSTISSIMO ANNIVERSARIO

DE

S. A. R.

o

PRINCIPE REGENTE  
DE PORTUGAL.

No Centro da apparatusa Illuminação se via hum  
magesoso Quadro, onde ao proprio se repre-  
sentava a Effigie de S. A. R.

Lysia offerecendo-lhe o coração de seus Vassallos,  
e hum Genio aniostrando na fita que suspende  
o Quadro este Verso:

---

*Tem sobre Corações firmado o Throno.*

---

---

Do lado direito :

*Eis João, eis o Príncipe jucundo ;  
 Em Africa, em Europa, em Asia Impéra,  
 America o possui ; não ha mais Mundo,  
 Mais havendo, adorar-se lá fizera !*

---

Do lado Esquerdo estes :

*Com este Sol numéra Instros nove,  
 Hum sem o vér lamenta Lysia chára ;  
 Se dô Sol a privasse hum lustro Jove,  
 Talvez Lysia não tanto lamentára !*

*Santos e Silva.*

---



2.º *Glozando o Verso do Centro.*

## 1.º SONETO.

**S**e em nossa idade, oli' Júpiter, quizeste,  
 Com terrivel aspecto ollhá'r a terra,  
 Se os males todos da sanguinea guerra  
 Surgir do negro Bárathro fizeste:

Ontorgaste a João poder celéste,  
 Que o pertendido Heróe de longe aterra;  
 Monstro dos Monstros, que no peito encerra  
 Tartareas Serpes, que vomitão peste.

João, d'altas virtudes coroadó,  
 Olha nos filhos seus o firma abono  
 De hum futuro feliz, sempre invejado:

Nunca em Lysia ha de ver intruso Dono,  
 Que dos Lusos fiéis amante, e amado  
 Tem sobre corações firmado o Throno.

*Por M. A. de Barros.*

## O D E.

**E**u, se o Cantor do Tybre,  
 Ou se o Thiebano me doasse a Lyra,  
 Hoje, montando affeito  
 No ardente Carro de Thymbreo fogoso,  
 O sem medida espaço correria  
 Até dar nos umbráes da Eternidade:

E, erguendo-me soberbo,  
 C'o facundo buril do Enthusiasmo  
 Hum Nome gravaria,  
 Que, ficando entre todos o primeiro  
 No summo capitel, melhor que todos,  
 Assimcomo no Tempo, alli brillasse.

Que Nome? . . . Hum que desdoira  
 Os priscos, aureos sonhos. Ah! já cuidô,  
 Que o torvo supércilio,  
 Ouvindo-o, alizão carrancudos Fados!  
 O Nome de João, que em Lysia vale  
 Mais do que Tito em Roma, Aurelio, ou Numa.

Porém, se novo Cysne  
 As Delphicas balizas não transponho,  
 Posso ao menos singellos  
 Da Verdade acordar os sons na Lyra;  
 Posso ao menos, unido á Patria minha,  
 Em seu fausto Natal cantar seu Nome.

O' Lysia, eu bem te escuto,  
 Cuidosa repassando as Eras todas,  
 Contar que ha já completos  
 Giros de Phebo cinco vezes nove,  
 Desde quando, Astros novos, sciintillarão  
 Os olhos de João na Esphéra tua.

E oh! como de prodigios  
 O intervallado tempo semeando  
 Com Thémis, com Astrea,  
 Ou já com Marte revezando as lidas  
 Mão grado ás mil Politicas proceias,  
 Tem com gloria João sustido o Sceptro!

Corre sobre Ulysséa  
 A Córseica torrente impetuosa;  
 Da Prudencia no esuado  
 João rebate ao Despotismo os golpes;  
 E, á Britanna alliança recorrendo,  
 Com força aberta lhe reprime a força.

O' minha Patria, o Lysia,  
 Em quanto a Europa trepidando geme,  
 A triumphal Cabeça  
 Ergues ufana de laureis cingida;  
 C'o influxo de João voando ás armas  
 Sempre a victoria te precede a marcha!

Mas ai! já quatro vezes  
 Tens visto renascer seu anno Dia,  
 Suspirando por vê-lo,  
 E debalde por vê-lo suspirando!  
 E, manchiado co' as sombras da sandade,  
 Vai teu prazer de pranto humedecido!

Appressa, appressa, WELLINGTON,  
 A carreira feliz dos teus triumphos,  
 Por elles Lysia espera  
 Vêr outra vez seu PRINCÍPE em seus braços  
 Se tu lho restituzes, em seus honvores  
 A' Fama eterna voará com Elle.

N. A. P. P. M.

## O D E. Minimi A.

**D**RIXANDO o Berço de purpúreas rosas,  
 Que lhe serve de leito, e os jasmims alvos,  
 Q' o sobreceço lhe formão, guapo, ledo,  
 Como em Dia de galla, Phebo altivo  
 D'entre as diversas Estações nimosas,  
 Que lhe são guarda-roupa, a téla rica  
 Do manto luminoso, que mais preza,  
 D'aromas perfumado, já pedira  
 A' grata Primavera, e á dextra ornando  
 Do fulvo Sceptro, que Monarca o inculca  
 Dos Astro's rutilantes, sobre a frente  
 O gemoso galeró, e á planta aptado  
 O Luzente cothurno, as áureas redeas  
 Já brandia dos fulgidos Ethontes,  
 Q' insoffridos da marcha fremem, hinnem,  
 Mordendo o argenteo freio, e bocejando  
 Orvalhados da noite, e mal despertos,  
 Ceos, e Terra d'aljofares rocião,  
 Em torno fluctuando ás rubras rédes  
 As igneas borlas, e fendendo os ares  
 Do cocar multi-cor a pluma acceza! . . .  
 Eis que de Lyíia o Genió, q' affanoso,

E sempre attento aos treze suspirados  
 Do florecente Maio, audaz madrugada,  
 Porque ao brilhante Luminar espere,  
 E conduzindo-o aos Climmas venturosos,  
 Lhe aplane a via, 'os raios, lhe tempere;  
 Vendo-o agora partir, desarte exclama:  
 Vai perpetuo Placot! q'á Não do Mundo  
 Tolhes de sogobrar em cahos novo!  
 Vai; mas que demudado, e que diferente  
 Encontrar vás esse Paiz ditoso,  
 Lysia deliciosa, Lysia amavel,  
 Em cujos fidos braços, sempre amigos,  
 T'apraz folgar da ríspida tarefa  
 Em tua longa, perenal rotina!

Não te recordo os diasfortunosos,  
 Em q'esse Manoel, estreito, achando  
 Para ponte o Oceano, o primeiro  
 Ouson vir convidar-te, e, attrahir-te  
 Das Plagas opulentas, onde nasces,  
 A's Regiões opímas, onde morres;  
 Dias abençoados, em que o Téjo  
 Por sna foz arfando, em seu tributo,  
 Senda trilhando; d'outro não trilhada,  
 Via quanto produzem Indo, e Ganges.

Menos eu te recordo os dias faustos

D'essa adoravel, immortal MARIA,  
 Q'embalsamada em vida, e de dois Mundos  
 Aos trabalhos affeita, os Ceos presumem  
 Por Elysios talvez o chão, que piza,  
 Porque nelle a demorem, qual Modélo  
 De Virtude exemplar ao Orbe insano,  
 Dias d'ouro, em que a placida benança,  
 A paz, os bens, e as sólidas riquezas  
 Do vasto Globo, em Lysia parecião  
 Ponto fazer, e della circularém  
 A prò do Mundo, q'inario com ella!

Basta que de João compares dias  
 Com dias de João: espaço longo  
 Inda não ha, que vias apoz Elle,  
 Mal o disco tocaras, que hoje tocas,  
 Nessa propria Metròpole das Geutes  
 Correndo à competencia o Rizo, e as Graças,  
 Com o Ouro, a Prata, e as Joias, por beijar-lhe  
 A Mão Augusta no Belém devoto,  
 On no ameno Queluz: ao mesmo tempo  
 Q'esquecido de Jove o Bronze duro,  
 Por Mar, por Terra em éccos rebombava,  
 E unido aos Vivas d'huma turba immensa  
 O Nome de João subia aos Astros!

S'hoje essa Capital bem tu notares

Pouca será reminiscência tua  
 A fim de conhecê-la, erinas, desertas  
 Ruas, e Praças no pomposo dia,  
 Que delicias foi suas, figurá-la  
 Has qual triste Viúva, que só lembra  
 Seu dia Natalicio, porque chore  
 A perda infausta do querido Esposo,  
 Único esteio á misera Família!  
 E essa mesma Nobreza, q'inda há pouco  
 De prazer não cabia em si, no Mundo,  
 Exulada verás; banida, errante.

Por feio dolo, e por cabála enorme:

Ou do ferro vestida, em frente aos Campos  
 Obrigada a arrostar as Santas Quinas,  
 Que o Céo creou, que só por Deos brigarão,  
 Contra vis Salteadores, crus, nefandós,  
 Que desconhecem Deos, que Céo não temem!

Oli Sol! oh Sol! s'he certo, s'he constante,  
 Que primo Agente, ou que Ministro primo  
 De Jove sempre igual, de ti dimana  
 O bem, e o mal, a provida sande,  
 E o mórbo infesto ás Terras sempre injustas,  
 Vai, e ao pássares pelo fóco iniquo  
 Da Praga horrenda, que devora o Orbe,  
 Tua peste, e teus toxicos desata  
 Sobre o monstro feroz; motor da Guerra,



Do incendio; da rapina; e quando chegues  
 A baliza gentil do teu caminho,  
 O Cofre esparze de teus dons, preciosos;  
 Conforta, anima os corações bizarros;  
 Q'á liberdade o sangue, e a vida imolão;  
 As terras abençoã, e sobre tudo,  
 Os escarceos, as vagas amacia  
 Do Pélago inconstante; porque volva  
 João de novo nos cubiçosos lares,  
 E Lysia torne a ser quem d'antes era!

*Santos e Silva.*

## O D E.

*Forsè un dì fia che la pressaga penna  
Osi scriver di Te quel ch'or n'accenna.*

Tasso Gof. Cant. I. St. 4.

**Q**UANDO tentava desferir na Lyra  
Portentosas acções de Heroes valentes,  
Que em Europa, Asia, e Africa ensoparão  
Em sangue a imiga terra:

Quando entre turbilhões de fogo, e fumo  
Já Sampaio eu via, Castros, Cunhas  
Sobre calidos thronos, razos muros  
Ir tremular as Quinas! . . .

Fragrante exalação (qual sahe das rosas  
Ao sorrir da manhã) perfuma os ares,  
E, ao fulgor de hum relampago, me assoma  
Donzella sobrehumana! . . .

Na frontê a' lãurea, em purpura cingida,  
 De neve o cinto, o manto de esmeálda;  
 Solta a voz, que dos Ceos remêda a fraze, (1),  
 E que serêna os Ventos.

„Vate, (ella diz) não mais! de sanha, e de odio  
 „Embregado o Mendo assás, tem xisto,  
 „E ouvido, com prazer, soar no Pindo  
 „Da Humanidade o estrago.

„Oh não foi o tal fim, q'entre meus braços  
 „Te surri ao nascer; que a 'Lira de ouro (2).  
 „Te confiei benigna, e no teu peito  
 „Soprei divino alento.

„Esque o arco Phœbo alvo mais digno,  
 „E hoje q'a esphera lucido abrilhanta  
 „O Dia de João, do Ismeno as flores  
 „A João se tributem!

---

(1) *Lucevan gli occhi suoi piu che la stella:  
 E cominciò a dir soave, e pia,  
 Con angelica voce in sua favella.*  
 Dante Inf. Canto II.

(2) *Quem tu, Melpomene, semel  
 Nascentem placido lumine videris.*  
 Horat.

„João, miúdo dos Ceos, de Jove Alumno,  
 „Da Patria Redemptor, do Mundo exemplo,  
 „Prôle de Reis Heróes, Heróe mais q'elles,  
 „Da Liberdade esteio!

„Remove á Lusitania a dextra sua  
 „A negra Escravidão! . . . . franco he seu peito  
 „A's lagrimas do afflieto, que ali péde  
 „Depôr sua amargura.

„Como a hum riso de Jove a terra exornão  
 „Metaes, Árvores, Rios, Plantas, Flores:  
 „Ao favor de João Sciencias brotão,  
 „E as melindrosas Artes.

„Pasma o inculto Brazil, vendo em seu gremio  
 „A Policia d'Europa, as Leis, e os Usos,  
 „Vendo fructificar-lhe a Industria os Campos,  
 „Erguer Palacios ricos! . . . .

„Soberbo, reclinado em montes de ouro,  
 „Vê cómo verga o mar, gemendo ao pezo  
 „De mil, e mil Baixeis, q'lhe conduzem  
 „Tributos de dois Mundos.

„Tanto deve a João, oh fausto Nome lustrado  
 „Nome sempre famoso em vossa Hesperia!  
 „Eterno sejas no Orbe, e de Evo em Evo  
 „Medrando vás em gloria lustrada.

„Oh Nome de João, por Teus tres vezes  
 „Sacudio Lusitania o jugo estranho!  
 „Oh Nome de João, por teu influxo  
 „Espera a Paz do globo, e o bem da vida.

„Sim, eu vejo-a descer em rosea nuvem,  
 „Vem com ella a Virtude, e a Amor, e as Graças,  
 „Riem-se os Montes, riem-se as Florestas,  
 „Da Deosa á grava vinda!

„Desfaz-se a escuridão, q'assombra a Terra,  
 „Quem a espada brandio, cultiva as m'esses,  
 „Quem deo planos de morte, as Leis protege;  
 „Nasce a geral concordia.

„E, curvando o joelho, e ás mãos erguidas  
 „Em torno ás aras, enflorada a fronte,  
 „A João combza: Nãmen darão tido  
 „As Nações do Univerro.

„Costas de Portugal

*Glosando o Verso do Centro.*

S: O: N: E: T: O:

**T**HRONOS ha tido o Mundo, que "prôducto  
 Forão tão só das Leis, e Sangue herdado,  
 Quaes desde longò tẽmpo celebrado  
 Os goza Portugal indissóluto:  
 Outros não forão mais, q'excelso fructo  
 Da Justiça, e do Mérito elevado,  
 Qual Viriato, e qual Sertorio homado,  
 Reis, ou Chefes, por sólido attributo:  
 Tacsjhouve; e i'inda os há, a quem Cobicia,  
 Ou Accaso erigio; contra seu Dono  
 Fervendo execrações, q'a raiva utica!  
 João somente, em seu mais alto abono  
 Além de o ter nas Leis, e na Justiça,  
 Tem sobre coizações firmado o Throno!

Por Santos e Silva.

1812

EM 4 DE JUNHO DE 1812,

PELO SEMPRE PLAUSIVEL MOTIVO

D O  
FAUSTISSIMO ANNIVERSARIO

S. M. B.

o  
IMMORTAL JORGE III.

Se via no centro da profusa Illuminação o fiel

Retrato de S. M. tendo nos lados as inscrições

seguintes

...

...

Do lado direito:

*Eis JORGE, eis o alto Rei, forte, e facundo,  
 Que do Universo o Bem commum promove,  
 E talvez sem'Igual nós Reis do Mundo  
 Acima vé de si sómente Jove!*

Do lado esquerdo estes:

*Da Ilha em tudo e de todas a Príncipe,  
 Tão longe leua o Imperio, em que domina,  
 Que só tem Oceano por barreira  
 E por lemíte os Ceos, com quem confina!  
 Santos e Silva.*



## SONETO.

**E**is JORGE, eis o alto Rei, forte, e facundo,  
 Da Ilha em tudo, e de todas a Primeira,  
 Que se preza de quasi a Terra inteira  
 Render-lhe culto em Solo, ou Mar profundo;

Aquellê, que ao Varão, em Bens fecundo,  
 Adoração não presta verdadeira,  
 Curvo o joelho, posto que não queira,  
 O cóllo humilha ao Braço furibundo:

Sem Par em Tempo, em Geração, em Mando,  
 Na Idade o rivaliza só MARIA,  
 João em Prole o imita com FERNANDO;

Ao mais Orbe, onde segue a face ao dia,  
 Respeito, ou fido amor conciliando  
 Por Conquista, ou Herança, as leis envia!

## CONTENTS

The first part of the work, which is the most important, is the history of the country, from the first settlement to the present time. This part is divided into three volumes, the first of which contains the history of the country from the first settlement to the year 1700, the second from 1700 to 1750, and the third from 1750 to the present time. The second part of the work is a description of the country, and is divided into two volumes, the first of which contains a description of the country in general, and the second a description of the country in particular. The third part of the work is a collection of laws and statutes, and is divided into two volumes, the first of which contains the laws and statutes of the country from the first settlement to the year 1700, and the second the laws and statutes of the country from 1700 to the present time.

## CANTATA.

**J**A' sobre os cristalinos, vitreos mares,  
 Hoje assonava, bella mais que nunca,  
 A purpurina Aurora, doce briza,  
 As vagas mantendo em seu balçoço,  
 E alva espuma interposta ao limo verde,  
 Supprimdo-lhe o matiz dos prados lindos;  
 Quando ao ronco pregão do buzeo cavo,  
 Rebonbando nas humidas cavernas  
 Verileneo Tritão, nédeco, e membrudo,  
 Aos Passos Neptuninos convocava  
 As salinas Deidades, porque solvão  
 Seu Rito matutino: d'humã parte  
 Louçan Nereida vem talhando o pégo  
 C'o peito delicado; tal vem d'outra  
 Que bolicosa, trefega, e ladina,  
 Vai de mergulho, porq' as mais repasse;  
 E a primeira se preste' ao Coro antigo:  
 Esta s'apraz de vir na ruiua' conchia,  
 Com que Alceo a prendou, aquella esquiva,  
 Que de prendas não gosta, as aguas suena,  
 Na prancha rubra do coraí luzente,  
 Q'ella mesmo teceo, brincaudo, rindo,  
 Em nome, em graça, em numero sem conto,

Já solta, já de rancão, assim nãtoga  
 A chusma afoita, ou por seu pe. inimoso  
 Fendendo, ora de papo, ora de espalda,  
 Porque descance, a flúida azul saphira,  
 Que léda, e por si própria se franquea  
 A' nivea mão; que a rasga, e cerra logo  
 Sofrega até do rasto, q' lh'apaga;  
 Ou para a conducção buscando meios  
 No rico espolio, q' lh'offrece o golfo;  
 Menos a pulchra, a nítida Amphitrite,  
 Que do Esposo Anelão ardendo iem zelos  
 Por causa da gentil travessa Aglaure  
 D'olhos garços, em limpida cascata  
 Isolada vivia desde tempo,  
 Sem q' ao Acto solemne jámais faltó,  
 Só porque da Rival espreite os gestos;  
 E sentada ali vinha sobre o dorso  
 De saltante Delfim, q' a dura escama  
 Quebra, amacia, porque não moleste  
 Ao seu Onus formoso q' o soberbo  
 Inspirando, e esprando ondas, que bebe,  
 De novo expelle em lucida espaldando

Eis que de sua ufana regia Gruta  
 Sahindo apòs o sólito cortejo,  
 Bojando ao longe a cauda refulgente  
 Do manto escarlatino, gotejando

Da longa barba intonsa e gorra excelsa;  
 Hum ambar beinfazejo, e nas mãos tendo  
 O Tripartido Sceptro, sóbe ao Throno  
 O Maritimo Deos, a cuja vista  
 A Turba aquatil subito se prostra  
 E em tom cadencioso assim começa:

**A. R. A.**  
 Salve, oh Deos, que das ondas  
 Tens o Imperio em partilha  
 Onde tudo o que sondas  
 Reverente s'humilha  
 Ao Sceptro, q'em ti brilha  
 E donde aos quentes ares  
 E á Terra escandecida  
 Q'em teus braços rodeas  
 Como em rijas cadêas,  
 Mandas o succo, e a vida,  
 Sem delles precisares  
 Sem mesmo cobigares  
 A Jupiter fecundo  
 Dos Astros o brilhar,  
 Quando em mór bem do Mundo  
 Todo elle he Astro o Mar!

Salve, . . . inda proseguia o Coro ovante,

Mas o Deus, que das vagas rege o Throno, e  
 E segundo, h'apraz dormilã, manda  
 Sobre seu leito de toruleo, argento  
 Ou impellidas dos tuões raiuosos,  
 Que de seus pontos Cardiuas, a arbitrio  
 Solta, e prende, lamber as manda-às, nurens,  
 Que por tributo, e em circulo perpetuo  
 Salso emprestallo humor, llic pagão doce:  
 Não mais, llic diz; não mais de taes encomios  
 Em hum tal Dia, nelle a luz! Phebenia  
 Vio pela vez primeira o grande Jorge,  
 O Modêlo de Reis, o Rei Britanno  
 Com quem, s'acaso o não cedi de todo,  
 De certo ao menos repartido, eu tenho  
 Meu fulgido Tridente, a fim, que folgue  
 De minha longa, perçital tarefa,  
 Em dominar os Mares, e alimpalo  
 De vís Salteadores, vís Piratas,  
 Qual esse Corso, e seus crueis Ministros,  
 Que não contente d'assolar a Terra,  
 Esbulhar-me sacrilego pattende  
 De meus foros, meus fendos, meus domínios.

Graças porém ao Ancião potente  
 Rival meu, que, tãido, e respeitado  
 (D'hum Polo em outro Polo, d'Ursa em Ursa  
 Mórmente depoisque seu braço invicto

Unio ao bravo Hispano, e ao Luso bravo)   
 Se ponco, e ponco mais eu lhe não visse   
 Encanecendo as rugas, e tendendo   
 Ao seu termo comum por lei Superna,   
 (Benque já mostre ao lado Filho digno   
 A quem transmite o Nome, o Sangue, a Alma);   
 Ou se eu sempre o não visse regulado   
 Pela sabia Razão, e os Céos conforme   
 E desvelado por volver ao Mundo   
 Seu perdido equilíbrio em Solo, em Ondas   
 Medo, ou duno eu proprio delle; houvera!   
 Graças ao Ancião, eu o repito   
 Que ponpando-me Scyllas, e Charybdes,   
 Com baixos tragadores, escusando,   
 Que d'Eólo eu depreque a furia, e sanha,   
 De rijos travessões, de Jovè mesmo   
 O raio vingador, Elle sómente   
 Equivalendo a mim, a Eólo, a Jovè   
 Fiado em sens ignivomos Castellos   
 Sanhudo mais doq' Aquilos sanhudos   
 De sens Canhões, sens Tubos tronadores   
 Forrado, e garnecido, as agoas varre   
 Da Praga iniqua á Terra, e aos Céos Infesta,   
 Armando Collingwoods, Nelsons armando,   
 Marinos Semideoses, que lhe punão   
 O feio orgulho, a barbara rapina   
 E lá mesmo ao distante Continente

Mandando Beresfords, mandando strenuos  
 Wellingtons fulminantes, terribes Nimes,  
 Que Phalanges, e Praças lhe derroquem  
 Destruão o viveiro, a raça extingão

Eia pois, oh Deidades, hoje ao menos  
 No seu fausto Natal, ao Grão Monarca  
 Com minha authoridade os meus louvores  
 Ceder eu devo; e ponto desta o Assumpto  
 Cantando o Plectro de Neptuno, ou Jorge!  
 Disse; e sorrindo em torno a grave Orquesta  
 Instrumentos affina, e tal prosegue!

A R I A.

Salve, oh Rei! salve, oh Dia!  
 O mais util de quantos  
 Phebo tem produzido,  
 Desde quando alumia  
 Com seus raros encantos  
 Ao Mundo envelhecido;  
 De luz mais grata, e pura,  
 Ou de face mais linda  
 Ao Orbe, cuja ventura  
 Em tuas mãos está,  
 Outro não brilhou inda,  
 Nem talvez brilhará!



Salve, oh Rei, salve, oh Deus, salve, oh Deus  
 Rei, cuja dextra encerra  
 Ou na Paz, ou na Guerra,  
 A Esperança e Alegria,  
 A' desolada Terra,  
 Q'em teu braço confia,  
 Vive, e para castigo,  
 Para justo quebranto,  
 Do commum Inimigo,  
 Ou na Terra, ou no Mar,  
 Illeso vive, em quanto  
 O Mundo precisar

*Santos e Silva.*

Salve, oh Rei, salve, oh Deus, salve, oh Deus

O mar, ou do castro

Illeso vive, em quanto

O mundo precisar

~~Illeso vive, em quanto~~

O mundo precisar

O mundo precisar

O mundo precisar

O mundo precisar

O mundo precisar

O mundo precisar

O mundo precisar

## O D'E.

VATES Bretões eximios não carecem  
 O auxilio inefficaz d'estrãhio Vato  
 Porém o amor da gloria,  
 O impeto da virtude  
 Não deixa em Lysia, que não esquivò seio  
 Tome o Silencio, o que do Canto he digno.

C'o a luz nativa do Terceiro JORGE  
 Premem-me n'Alma as Pythias labaredas.  
 Eis a lyra tempéro . . .  
 Divina melodia  
 Começa a resoar . . . do Pindo aos Astros  
 Erguem-se os Nomes de Britannia, e Lysia.

Não he que eu me recuse ao sacrificio  
 S'inda atégora te não dei meu sangue,  
 Amada Patria, ó Lysia:  
 Minerva, e não Mavorte  
 Entre os seus me alistou; as Musas sigo,  
 Meneio a penna, não empunho a espada:

Nest'Alma, que não treme q'os encaixos corouse  
Da fêrvida Bellona, que desinfinimamente

A' vóz da Liberdade, q' a voz do

Pindaricus refréguas, e a voz do

Travão-se, ouvindo á Dóisa da cém'boas

Aureo pregão, que desafia os hymnos: cõdava

Mas, se hoje cruzo na Castalim esphéris,

Patrios proveitos: meu furor provocão,

E em seu obsequio voto: a

Ao Auglico Monarcha

Os divos sons do mëllico instrumento

Nas Pataréas incendes forjado:

Já quando Affonso as héttas alongava

Do Imperio Portuguez: desapossando

Intrusos Senhores;

A remir: Ulyssa

Cem pujantes Baixes: uno Tejo: a

Das Albiónias Jeglides: e

E, ao hellico ruido: eitretecendo

A Maura multidão: teve o presangio

Que dentro emusco: Lusitano

Veria a ser: d'uspeito: a

O Luso Vencedor: Forçar: llic os muros:

Co' a nobre ajuda dos Héttos: a

Os seculos' correrão: progredia  
 Em terrestres triumphos bom medrado  
 Portugal florescente;  
 Britannia' sabia; e livre;

Thetis avassallando, em toda a parte  
 O Pavilhão maritimo' arvorava  
 Armas Filippe em vão; e em vão carrega

Nas traidoras espaldas de Neptuno  
 A quasi immensa Armada,  
 Cujos troantes bronzes;

Cuja orgulhosa guarnição ameaça  
 Aysinar Londres na ruina extrema;

Luiz batalhador, e triunfante,  
 E que hum' poder Naval mais amplo teve;  
 De quantos empunharão  
 Na Gallia o rico Sceptro;

Luiz, com cem Baixéis pejando os Mares;  
 Deo menos susto, doque deo Filippe;

E, por onde os de Luso valerosos  
 Ousarão de romper primeiro a estrada  
 Ovantes tremulando

As Anglicas Bandeiras,  
 Medrarão sempre em força, até se alçarem  
 Indómitas Senhoras do Oceano.

Carrancudas : tufões, do Despotismo a' terra ab' terra  
 Co' as azas do pavoros Ceos : toldarão ; q' os A  
 « Genie Europa , e desmaia a qual' d' os »

Ao pezo que insolente a' terra

Lhe agrava a Gallia turbulenta , e illusa  
 Co'a feroz ambição da falsa gloria,

Germania , que cobrio de opprobrio , e lucto  
 As cipulas do altivo Capitôlio ,

Treme , fraqueia , e cede  
 Italia , a Mãe : fecunda

De assombros ou de Marte , ou de Minerva ;  
 Bruta devastação lhe raja o seio !

Europa succumbia : a Liberdade ,  
 As brancas roupas rãbida rãgando ,

Abandonava ao jugo  
 As Nações indolentes ,

Que , sem ousar de combater , soffrião a  
 Furor Vandalio , e despotismo Asiatico

Eis que o soberbo Tamysa opulento ,  
 Sobre o verde Tridente recostado ,

A tona se ergue , e clama :  
 „ Ollã a divina sombra

„ Que estende o Sceptro do Terceiro Jôruz ,  
 „ E como tem com ella abrigo as Artes !

„Das Artes se alimenta 'a Liberdade ;  
 „Vem ; defenza terás , terás vingança ;  
     „Que em meus torreados Pinhos  
     „Minha Progenie heroica  
 „Nos torvos brados do incendiado bronze  
 „Levará o exterminio aos teus Tyrannos.

„Hum Povo zelador dos seus direitos ,  
 „Sábia Legislação , e hum Rei sublime  
     „Te off'recem , te affianção  
     „Gnarida incontrastavel :  
 „Daqui dominarás ambos os Mares ,  
 „É prestarás auxilio ao Continente.

„Daqui polo Valor , pola Sapiencia  
 „A's ribeiras do Têjo conduzida ,  
     „Represarás triunfante  
     „A alluvião furiosa ,  
 „Que , desde os Pyrenéos precipitada ,  
 „Ha-de correr aos muros de Ulysséa :

„Que nem só nas campinas de Neptuno  
 „Nelson , e Collingwood , Cathcarth , e Gerves ,  
     „Du Ckwort , e Smith , e Barklei  
     „Troando vencedores  
 „Arvorarão sobre abatidas Aguias  
 „O Pavilhão de ardidos Leopardos :

„Senão que até no Hesperico terreno  
 „(Terreno amado do feroz Gradivo)  
 „Hão de brotar Britannos  
 „Assombros do Heroísmo.  
 „O valoroso Moore, votado à Glória,  
 „Còrsicos planos frustrará primeiro ;

„E, polos campos que ennobrece, e banha  
 „O Còca, o Têjo, o Guadiana, o Doiro,  
 „C'o antigo heroísmo Luso  
 „Meus Heróes competindo,  
 „Na Fama se erguerão, maiores que ella,  
 „Spenser, Hill, Beresford, e Traut, e Cotton.

„Nem serão estes o maior Luzeiro  
 „Que ha de illustrar a Lusitana esphera ;  
 „Maior que todos elles  
 „Rutilará WELLINGTON,  
 „Por quem talvez menos Heróes pareção  
 „Camillos, Fabios, Scipiãoes, Marcellos !

„O Despota Junot, em vão raivoso,  
 „Congregará nos campos do Vimeiro  
 „A barbara caterva,  
 „Que o segue, e que o imita ;  
 „A' voz de WELLINGTON súbito tremendo  
 „Rôjão no pé esmorecidas Aguias,

- „Nos campos da lembrada Talavera  
 „Com fama-eterna viverá seu Nome ;  
     „E nas alpestres serras  
     „Do difficil Bussaco  
 „Do Despota d'Ésling hão-de os clamores,  
 „Por menoscabo séti, viver nos échos :  
  
 „Correndo apôs o venturoso engano,  
 „A que ó conduzem presumidos lauros,  
     „De Ulysséa ante os muros  
     „Se postará vaidoso ;  
 „E alli conhecerá, com seu destroço,  
 „Os erros da ambição, da audacia os p'rigos :  
  
 „Da temeraria empreza desistindo  
 „De Scálabis no campo apella á fuga ;  
     „Foge, mas não sem custo,  
     „E com desoiro, e perda :  
 „E inda em Fuentes d'Honor novos desaires  
 „Soffrerá, convocando o afróz Bessieres.  
  
 „Protheo, que em miúhas agoas sonoro  
 „Com fatídico metro tem cantado  
     „A Britanna grandeza,  
     „Inda mais longos feitos  
 „Descantou, que eu ouvi; e de Albuhera,  
 „Rodrigo, e Badajoz disse os triunfos :



„Disse . . . Mas basta o que me tens ouvido . . .

„Para te acreditar inacessível . . .

„Aos Córscicos insultos . . .

„Hum só mysterio te abro . . .

„E desse só mysterio está pendente . . .

„Vingar-se a Hesperia , redimir-se a Europa ,

„Tem JORGE lustros seis regido o Sceptro . . .

„Mais quatro o regerá ; seu Filho egregio

„Ha-de então sustentallo :

„E , se o Terceiro JORGE . . .

„Foi a Aurora da Córscica ruina , . . .

„Terá no Quarto seu feliz Occaso .

N. A. P. P. M.

---

 ODE PYNDARICA.
 

---

*Serús in coelum redêas , diuque  
Laetus intersis Populo.*

Horat. Od. 2. L. 1.<sup>o</sup>

---

## S T R O P H E I.

QUE Heroe , que Semideos , oh Cliq , ordenas , (1)  
Que na Thebana Lyra ,  
Em Gregos modos , que por mim são Lusos ,  
Aos luminosos Astros ,  
Cercado de relampagos , e raios ,  
Nas azas da harmonia ovante eu suba ? . . .

## A N T I - S T R O P H E I.

Para quem vejo matizar solertes  
Nymphas do Têjo , e Themis

---

(1) *Quem virum , aut Heroa lyra , vel acri  
Tibia , sumis celebrare , Clio ?*

Horat. Od. 15. L. 1.

Laureas capellas com Puniceas rozas ! . . .  
 Por quem alternão cantos ,  
 E , ao ledo som de tympanos , e flautas ,  
 Pulsão com leve pé , dançando , a terra ? . . .

## E P O D O I.

Se , a longos olhos , eu prescruto a serie  
 Dos Lusitanos Fastos ,  
 Ou se na idade nossa  
 Os ficto araso , multidão sem conto  
 De Heroes , em paz , ou guerra ,  
 O Tributo reclamão de meus Hymnos.

## S T R O P H E II.

Albuquerque terrivel , Castro forte ,  
 Moniz , Pacheco , e Lima ,  
 Mostrão d'Asia os tropheos ! Cabral reyna  
 Os terminos do Mundo ! . . .  
 Lybia o chão morde aos pés de Lopo , e Nuno ,  
 Trovão de Aljubarrota , e raio em Ceuta.

## A N T I S T R O P H É II.

Com o Herculeo Cabreira além descubro  
 O denodado Souza ;

Segue-o Miranda, e Bacelar, Flagellos

Da Córscica impiedade!

Brilha entre todos o Astrô de Silveira, (1)

Como em vaso argentino esmalte de ouro!

### E P O D O II.

Mas provecço mortal, q' hùm Deos remeda

Em portamento, em face,

Tu me apontas, oh Musa! . . .

Na cabeça o Diadema, e a dextra ao Sceptro,

Em augusto silencio

Parece q' medita a bem do Mundo!

### S T R O P H E III.

Salve, oh Anglico Jove! oh JORGE, oh Mestre

De Reis, de Reis modêto,

De Lysia Protector, da Gallia espanto! . . .

Cançada ha muito a Parca

O aureo fio prolonga de tens dias,

E o Palladio da Europa em ti respeita.

---

(1) *Micat inter omnes  
Julium Sidus, velut inter ignes  
Luna minores!*

Horat. Od. 15, L. 1.

## A N T I S T R O P H E . III.

Arde em teu peito o Espirito sublime, (1)  
 Que em Epocas ditosas,  
 Em que Roma imperou do Tibre ao Indo,  
 Deo Cezares, e Augustos,  
 Titos, e Aurelios deo! a Paz amando,  
 Sem que temas a guerra, es grande em ambas!

## E P O D O III.

Erisona trombeta anima a Fama;  
 E, retumbando os echos  
 No Alcaçar da Memoria,  
 A quantos no futuro Imperios rejaõ,  
 Em teu governo apontão  
 De hum governo feliz o exemplo, a norma!

## S T R O P H E . IV.

Diz que ao Público Bem sempre entregado  
 Noite, e dia promoves

---

(1) *Worthy of that spirit,  
 That dwelt in antient Latian breasts when  
 Rome  
 Was mistress of the World.*

A ventura de hum Povo que te adora ;  
 Que de teu Sôlio á sombra ,  
 Recolhe em paz as messes , q' lavrara ,  
 Sem temer que lhas ceife estranho ferro.

A N T I S T R O P H E IV.

Cobrindo o mar de Niños , d'Homens a terra ,  
 Embora o tetra Corso  
 Queira opprimir do globo a liberdade ;  
 De teu poder hum sopro  
 Sobre as agoas as Frotas lhe submerge ;  
 Sobre as terras Exercitos lhe varre !

E P O D O IV.

Além do Continente , além dos Mares ,  
 Teu influxo decorre,  
 Quaes dois Rios , que bratão  
 D'opostas fontes , e ao correr confluem , (1)  
 E , unidos espraçando ,  
 As aridas Campinas fertilizão !

---

(1) *Are you not mix'd like streams of meeting rivers,  
 Whose blended waters are no more distinguish'd,  
 But roll into the sea, one common flood?*

Rowe. Fair Penitent. Act. 3. Scen. 2.

## STROPHE V.

Unido com João, que Par só achas,

E só sem mancha Amigo,

Ao inculto Brazil rudeza despes;

E Povoações se volvem

Embrenhadas florestas, duro azilo

Do Tapuia boçal, da Onça traidora!

## ANTISTROPHE V.

Oh Rei sublime! ten Natal benção

Elysiu, que remiste,

O Orbe, que vingas, Albion, que illustras!

Ballucia o teu Nome

O Orphão infante, e aos Ceos te recommendão

Luctuosa Viuva, ingenua Virgem.

## E P O D O V.

Tarde, oh! bem tarde! o Astro, que se adorna

De ten sagrado Nome,

Vas habitar, oh JORGE!... (2)

Milhões de Soes primeiro à morte cedão,

Milhões de Soes primeiro,

Para à Terra dar luz, do Cahos surjão!

Costa.

(2) *Arctoa parat convexa Bootes:*

*Anstrales reserat portas succintus Orion,*

*Invitantque novum Sidus, pendentque vicissim*

*Quas partes velit ille sequi, quibus esse sodalis*

*Dignetur stellis, aut qua regione moveri.*

Claudiano.

THE HISTORY OF THE

REIGN OF

CHARLES THE FIRST

BY

JOHN BURNET

ESQ.

IN TWO VOLUMES

THE SECOND VOLUME

CONTAINING

THE

REIGN OF

CHARLES THE SECOND

BY

JOHN BURNET

ESQ.

IN TWO VOLUMES

THE SECOND VOLUME

CONTAINING

THE

REIGN OF

CHARLES THE SECOND



NO DIA 21 DE JULHO DE 1812,

ANNUNCIANDO

o

CASTELLO DE S. JORGE

COM SALVA D'ARTILHERIA,

A

FAUSTA NOTICIA DA ASSIGNALADA, E COMPLETA  
VICTORIA,

ALCANÇADA

PELO EXERCITO ALLIADO

NO DIA 22 DO DITO MEZ JUNTO A SALAMANCA,

PONDO EM TOTAL DERROTA OS INIMIGOS

COMMANDADOS

POR

M A R M O N T,

Appareceo na sua Illuminação hum Quadro allego-  
rico aonde se via o verdadeiro Retrato  
do Lord Wellington,

E no mesmo Quadro se lia o seguinte Verso:

---

*Por Ti Britannia, e Lysia excedem Roma.*

---

Do lado direito :

---

*Basta ó WELLINGTON ! menos iracundo  
Vê se ao Corso mais louros se deparão ;  
Os que outr'hora extorquio no vasto Mundo  
Debaixo de teus pés já se murchôráo.*

Do lado esquerdo este :

---

*E Tu, ó BERSFORD, se assim derrubas,  
E onde vás em Ti levas a Victoria,  
Ser-te-hão da Fama poucas as cem tubas,  
E estreito o Templo da immortal Memoria.  
Por Santos e Silva.*

---

O D E  
I M P R O V I S A D A.

---

*Had Death been French, then Death hadsd'yd to day.*  
Shakspcar.

---

**N**YMPHAS do 'Téjo, aos Cantos dos Tripudios!  
He dia de prazer, dia de gloria!  
Novos lauros à frente se accomodão  
Do Sem-Igual WELLINGTON!

Novo raio da luz desbasta as sombras,  
Que de Iberia, e de Lysia a esphéra enlutão!  
Novo golpe mortal ao Despotismo,  
Novo desluzre à França!

Branca peira assignale este aureo Dia!  
Não pare o rizo, não repouze a lyra,  
Não cesse de espumar nas amplas taças  
Ahno licôr de Bromio!

Brindemos aos Herôes, que a Patria illustrão,  
Aos Mavortes Bretões, rivães do esforço,  
Aos briosos Hispanos, que não sabem  
Abandonar-lhe a piza:

Mas do brinde o primor, do applauso a estrêa  
 A ti competê; ó LORD! a ti sublimie:  
 Claro Fabio Albionez, Scipião itais bravo,  
 Malborough mais ditoso foz a

Blazone embora o Despota da Gallia,  
 De Marengo, Austerlitz, d'Eylañd, e Jena,  
 Roliça, Badajoz, Porto, Rodrigo;  
 Mór brado dão pelo Orbe!

Seus bravos Generaes, que se enfeitavão  
 De apparatusos Titulos, que ousadas  
 Se atrevião ao Ceo, veja o Tyranno  
 Por ti fugindo, ou' mortos! . . .

Soult o diga, Massena, que o confirme,  
 O bilingue Juuot, o atroz Bessieres,  
 E Marmont, que a teu ferro dando a vida  
 Vai pavorar as sombras! (1)

Prosegue invictò Heròe! a Gloria ao Termo  
 Te prepara laureis, grinaldas tece;  
 Lysia remida, Hespanha libertada  
 Te dão cultos, e Altares!

Costa.

---

(1) *Robespierre, Danton iront aux rives sombres  
 De son aspect horrible épouvanter les ombres.*

Dellile.

NO DIA 7 DE AGOSTO DE 1812,

PUBLICANDO-SE O OFFICIO

D O

EXCELLENTISSIMO SENHOR

MARQUEZ DE TORRES VEDRAS,

EM QUE NARRAVA A GLORIOSA ACÇÃO

CONSEGUIDA PELAS TROPAS ALLIADAS

NO DIA 22 DE JULHO

JUNTO A SALAMANCA,

POR CUJO PLAUSIVEL MOTIVO SE CANTOU NESTE

DIA HUM SOLEMNE TE DEUM,

N A

BASILICA DE SANTA MARIA.

No Centro da Illuminação se via o Fiel Retrato

do Invicto WELLINGTON, e varias figuras al-  
legoricas;

E alli se ha este unico Verso :

---

*Eis da Europa, e do Mundo o firme esteio.*

---

No lado Direito :

*Ao raio, oh WELLESLEY, que a mão l'adorna,  
 Id cahirão Junot, Soult, e Massena,  
 Cabe Marmont; e s'humilde á paz não torna,  
 Tema igual sorte o Vandalo do Sena.*

No lado Esquerdo :

*Luso, Anglo, Ibero na sanhuda Guerra  
 Mãos se derão; quem ha que lhes resista?  
 De sér dós tres sómente a longa Terra  
 O momento feliz talvez não dista!*

*Por Santos e Silva.*

## O D E

## POLA VICTORIA DE SALAMANCA.

Eu não me banho no licôr sagrado ,  
 Em que o ãe Smyrna se banhou , mas tomo  
 Quando me apraz em Dirce  
 D'aquelle , que esgotava  
 De Thebas o Cuntor , Argivo assombro ;  
 E , á feição delle , teço  
 C'roa immortal d'infulminaveis loiros ,  
 Com que dos meus Herões a frente adorno.

Se na Olympica areia batallando  
 Via rapido esforço arremeçado  
 Arrebatat triuñfos ,  
 Lé-lo nas plumas de oiro  
 O Herõe consigo alevantava aos Astros ;  
 Eu , se transcende a meta  
 Da carreira vulgar Varão sublime ,  
 Fólgo d'erguer seu Nome á Eternidade.

E que farei quando reluz , crescendo ,  
Na escola Militar maior Estrella

WELLINGTON , grão Luzeiro  
Da cara Patria minha ' . . .

Musas , ou vosso dom me não preserva  
Dos vapores do Lethes ,

Ou nos meus Versos fulgurando WELLINGTON  
Subirá portentoso ao grão dos Numes.

---

Inda dos Campos do immortal Vimeiro  
Aos Campos da assombrada Talavera

Longos pregões « Fama  
Pulchrivoca repete

D'WELLINGTON aclamando o grande Nome ;  
E , com feliz agoiro ,

Inda parece que das campas se ergue  
A ve-lo a turba dos Herões de Lysia !

---

Já sabio , vigoroso , e providente ,  
Melhor que o dispozera em Syracusa

Geómetra assombroso ,  
O Heróe traçara o plano

Da Lusa defensão indestructivel ;

E na pròvida Mente ,

Cofre supremo dos thesoiros d'Arte ,  
Depositava ainda altos segredos.



Da Córseica ambição nova procella

Co'as negras azas pavida cobria

O formoso horizonte

Da já liberta Lysia :

Avanção-se os Escravos do Tyranno

Em barbara carreira ;

Com seus confusos , tétricos clamores

Os sonoros échos retumbavão :

A' testa de cem mil , tão mãos como elle ,

O fero Piemontez facinoroso

Com Lysia inteira conta

De avanço conquistada ;

Mas WELLINGTON com longo telescopio

As forças, e os projectos

Observa-lhe , conhece-os , e precavto

Vai prendendo a Fortuna á Sapiencia.

Oh ! que aurea successão d'altas victorias ! . . .

Por caminho de loiros tapizado

O Heróe seguro avança ;

Do pico do Bussaco

Enrolados nõ fumo dos mosquetes

O Opprobrio , e a Morte voão

Sobre as rompidas Córseicas fileiras ,

Que regão com seu sangue o chão que pizão.

Ameaçada Ulysséa , Tu não tremes ?  
 Já contra Ti Massena se abalança :  
 Que prodigio ! E parece  
 Que a paz profunda reina.  
 Suspende-te , falso Anjo das victorias :  
 Nescio ! Tu não conheces ,  
 Que , quanto mais avanças , mais promoves  
 A ruina dos teus , e o teu desdoiro ?

---

Impaciente devorando affrontas ,  
 Porfias , mas debalde ; e pouco a pouco  
 Teus Batalhões decresem :  
 A Scálabis te acólhes ,  
 Mas lá te segne o raio da vingança :  
 Tomas a fuga aberta ,  
 Mas na Redinha , e no Pombal uegrejão ,  
 Bem como a fama tua , os teus despojos.

---

Como depois de horrenda tempestade  
 Fulgem os Ceos serenos , e azulados ,  
 Assim , ó Patria minha ,  
 Expulsos os tyrannos ,  
 C'o brilho da alegria mais formosa ,  
 Teus loiros ostentavas ,  
 E em tanto o Genio do sublime WELLINGTON  
 Novos para te ornar troféos dispinha.

Com sete mil vaidosos Cavalleiros  
 Para vingar a injúria do seu Socio ,  
     Azas nos pés tomando ,  
     Bessieres se arremessa :  
 Arde em Fuentes de Honor Mavorte irado ;  
     Destrissimas manobras  
 Os inimigos frizões inutilizão ,  
 E á voz de WELLINGTON a Victoria accode.

---

Assim, para vingar Junot vencido ,  
 Soult investia a Capital Duriense ;  
     E assim rapidamente  
     Trépido appélla á fuga ,  
 Seu unico refugio ; e venturoso ,  
     Porque nas mãos triunfantes  
 Deste novo Camillo o novo Brenno  
 Os despojos deixou , mas não a vidar

---

De raiva , d'ignominia , e dô coberto  
 O Sátrapa d'Esling á França volve  
     Desprezado , e abatido :  
     O de Ragusa marcha  
 A tomar-lhe o bastão , mas a Fortana  
     Tambem o desampára ;  
 Rodrigo vê cair , co'a perda geme ,  
 Porém não ousa de tomar vingança.

Lizente metheôro que apparece  
 Em hum ponto dos Ceos , e logo em outro ,  
 Do Cõa ao Guadiana  
 Veloz WELLINGTON corre ;  
 A Victoria o precede , a Sorte o ajuda ,  
 Os Vandalos trepidão ,  
 E em dias treze só de Marcio affano ,  
 Entra de Badajoz forçados muros.

---

Porém que nova luz da Liberdade  
 Rutila nos Hesperios horizontes !  
 Já Salamanca he livre ;  
 Já c'os Bretões Leopardos  
 Os Hispanos Leões , e as Lusas Quinas  
 Tremúião sobre o Tormes ;  
 E já para espalhar a grande nova  
 Sobre elles pende debruçada a Fama.

---

Prodigios a prodigios se accumulão !  
 WELLINGTON ergue a voz , troféos se agoirão ;  
 BERESFORD fulminante  
 No punho aperta a espada ;  
 Lavra nos Chefes o fervor de Achilles ,  
 Rompem-se as Linhas Francas ,  
 Rojão no pó as Aguias abatidas ,  
 E as auras da Victoria a Alliança abonão.

Ob! feixem-se de pejo antigos Fastos ;  
 Por todas as acções cante esta a Fama ;  
     Nunca o feroz Tyranno  
     Soffreo tão grande estrago :  
 Exulta , ó Patria minha ; Hesperiu , exulta :  
     Por este só triumpho  
 Mil outros ganharás ; deo nelle WELLINGTON  
 Hum seguro penhor da Liberdade.

---

Exposta ás iras do feroz Annibal  
 A valorosa Roma estremeceia ,  
     Propinqua á quéda extrema :  
     Fabio tardando surge ,  
 E a vencedora alluvião repréza ;  
     Precipitado vôa  
 O bravo Scipião ; já co'as trombetas  
 Da orgulhosa Carthago ás portas bate :

---

Impõe-lhe duras Leis , do Throno a arroja ,  
 No opprobrio envolve a Punica soberba ;  
     Roma segura exulta ,  
     Sens Alliados folgão :  
 Tu flagello de Roma , ó Patria minha ,  
     Não verás tantos lustros ,  
 Semque a Franca ambição desatinada  
 Das mãos do meu Heróe receba o jugo.

Elle dos dois de Roma em si reune  
 O genio, a intrepidez em gráo mais alto;  
 Qual do fuzil celeste  
 Ao fulgor repentino  
 Veloz succede o raio crepitante,  
 Tal da fecunda idéa  
 Do sabio Capitão aos grandes planos  
 Succede a execução co'a voz, e a dextra.

*N. A. P. P. M*

EM 12 D'AGOSTO DE 1812,

CELEBRANDO-SE

FAUSTÍSSIMO DIA ANNIVERSARIO

DO  
PRINCIPE REGENTE

DA  
GRÃ-BREITANHA;

ENTRE A COSTUMADA PROFUSÃO DE LUMES  
SE ADMIRAVA O FIEL RETRATO

DO  
PRINCIPE DE GALLES.

---

Do lado direito se lião os seguintes Versos :

{

*Da luz, que sobre o Throno d'Inglaterra  
 Reflecte, ó novo Herôe, teu almo Dia  
 O Corso treme ; e sobre a Lusa Terra  
 Ergue-se a gloriã, espalha-se a alegria.*

}

Do lado esquerdo:

{

*Ao fausto asylo do Terceiro JORGE  
 Accolheo-se a Europêa liberdade ;  
 E, por mais que a Ambição maquiue, e forge,  
 Renova o Quarto de Saturno a idade.*

N. A. P. P. M.

}



---

 O D E.

**A**RRÓJADO, e facundo  
 Polos vergeis do Iameno  
 Co'a desamandada Clio divagando,  
 Obteve-lhe por brinde  
 Estas viçosas, redolentes flores,  
 Com que hoje teço, de feição Thebana,  
 Laurivirentes c'roas,  
 Que a fronte eternas do Heroismo adornem.

---

Sacro tropel de Nynas  
 Bem vejo perfiosas  
 No Tamysa tecer novas capellas;  
 E, banhados em Dirce  
 Seus Cysnes aurilingues, descantando  
 Délias Canções, de angélica toada,  
 Oíço do Quarto JORGE  
 Com divo brilho levantar-se o Nome!

Mas eu , de Cyrrha os'ares  
 Cruzando alipotente ,  
 Refeita de Thymbreo a ardente aljava ,  
 Com desmedida força  
 Settas despedirei , cuja aurea ponta ,  
 Atravessando os campos do Futuro ,  
 Vão pereunes cravar-se  
 No alvo subline da Memoria eterna

---

Nas mal seguras pennas  
 Começando a librar-se ,  
 D'Agua sublime a generosa prole  
 A encarar fito a fito  
 Vai de Tithão a fulgurosa côma ,  
 Que fulge ardente no Zenith radioso ;  
 E e' o paterno ensiuo  
 Renouta o vôo , e perde-se nos astros.

---

Assim , egregio Galles ,  
 Do C aitor egregio  
 Claros dictames , que apreudeo dos Numes ,  
 Seguindo vigoroso ,  
 Tomas , com dextra idonea a mil portentos ,  
 Do Britannico Sceptro o augusto pezo :  
 Britannia elevas ; folgão  
 Alliados teus , teus inimigos tremem.

Entre o fragor medouho  
 De horrisona procella,  
 Se nos toques scintilla o sacro lume,  
 Os descorados Nautas  
 „Santelmo,, clamão, marcando affeitos  
 Dest'arte a maloppresa, altiva Hesperia,  
 Dest'arte contra o Corso,  
 Relucta a Europa, da quem es Santelmo.

---

Debalde furioso  
 O Déspota insensato,  
 Contra o poder Naval da Grã-Bretanha,  
 Decretos fulminando,  
 Protesta arrebatat-lhe o grão Tridente:  
 Como ha-de no Oceano contrasta-la,  
 Se o feroz Leopardo  
 Em raso campo as Legiões lhe aterra!

---

Ohi! polos Ceos de Lysia  
 Quantos a Fama espalha  
 Britannos gabos com rotunda boca!  
 E oh! nas campinas Lusãs  
 Quantas vicejão com Mavreio lustre  
 Palmas, aos Filhos d'Albion votadas!  
 Quantas para entraria-los  
 Mostrão cortadas os soberbos Troncos!

Profanos; que não vêm,  
 Não entrão nos escusos  
 Arcanos da Politica nublosa,  
 Agoirárão ao vér-te  
 Regendo o Sceptro, que não mais veria  
 Novas o Luso chão Britannias Hostes;  
 E a Lusa Liberdade  
 Tremeo, ouvindo a predicção funesta.

---

N'outr'ora Lusitania  
 Cauçada, bemque forte,  
 De contrastar o sanguinoso orgulho  
 Das Legiões Romanas,  
 Ajuntando ao clamor da liberdade  
 O magoado grito da amargura,  
 Dizia: „Ai! que me presta  
 „O meu valor, se hum Capitão não tenho! „

---

Mas o Pastor sublime,  
 Cujo brioso peito  
 Já mal compadecia o Patrio agravo,  
 Pola traição de Galba  
 Inflamado no fogo da vingança,  
 Negro trovão, com pavorosos brados,  
 Ergueo-se rebramando,  
 Desfeito em raios, polos Ceos de Roma.

Assim a Liberdade  
 Clamava lastimosa,  
 Pallida ouvindo o temeroso agoiro:  
 Porém teu largo Esp'rito,  
 Tua Mente profunda, contemplando  
 Da tua Patria, e do teu Throno a gloria,  
 Da generosa alliança  
 Renova os pactos, reforçando o auxilio.

---

Nas Torres fluctuantes,  
 Que os esquadrões de Eólo  
 Rijos impellem polo campo algoso,  
 E donde acceza a Morte  
 Com duros eccos, e rebombo horrendo  
 Sahe trovejando polos bronzeos tubos,  
 Já fuzilando voão  
 Bravos Alumnos do feroz Gradivo:

---

Já pujão alterosos  
 Na rica foz do Téjo;  
 A á sabia voz do triunfante WELLINGTON  
 Em batalhão cerrado  
 Lédos avanção, demandando a gloria;  
 È a gloria vòã, e desce, e os segue, e poiza  
 Em seus sanguentos braços,  
 Que a hum tempo cortão o inimigo, e os loiros.

Usa ad pavor da noite,  
 Co'as tempestades negra,  
 Seguir-se o dia desatado em luzes  
 Sereno, e bonauçoso;  
 Dest'arte os Lusos, que da guerra os males  
 Têm contrastado com o teu soccorro,  
 Por teu influxo esperão  
 Da paz os tempos, da abundancia os fructos.

---

E a dubia Liberdade,  
 Que pallida tremêra  
 Ao ecco infausto do pregão primeiro,  
 Ouve polo emispherio  
 Em teu Natal este juncunlo agoiro:  
 „O que o Pai começou completa o Filho;  
 „JORGK reprime a Gallia,  
 „Liberta os Lusos, equilibra a Europa:

---

„Tornão ao Mundo ancioso  
 „As eras de Saturno;  
 „E, varridos os bellicos flagellos,  
 „Sôbe ao Throno a Ventura:  
 „Desce Astrêa dos Ceos, legisla Themis;  
 „Alta os homens a geral concordia;  
 „E honra-se a especie Humana  
 „Nos prôvidos jardins da Sapiencia.

N. A. P. P. M.

NO DIA 15 DE SETEMBRO DE 1812,

QUARTO ANNIVERSARIO

D A

FELICÍSSIMA RESTAURAÇÃO  
DESTES REINOS,

Em hum Quadro, no centro da costumada Illuminação, se via o Retrato de S. A. R. o Príncipe Regente de Portugal, com este Verso:

---

*Recebe os Corações, que a Ti se votão.*

---

Do lado direito :

*Hoje nos Campos do immortal Vimeiro  
Correo triunfante a Lusa liberdade,  
E sobre a ufana, Còrsica maldade  
O Sabio WELLINGTON trovejou primeiro.*

Do lado esquerdo estes :

*Salvou-se a Patria, defendeo-se o Throno,  
Novo em Lysia cresceo ramal de Loiros . . .  
Oh! Com que assombro escutareis, Vindoiros,  
Que foi WELLINGTON destes bens o abono!*

N. A. P. P. M.



## O D E

**T**odos os Vates amão  
 Cantar a heroicidade ;  
 E quaes d'immenso júbilo transportes  
 Não sentirei eu n'Alma,  
 Em meu Paiz nativo  
 Olhando renovados, e excedidos  
 Das priscas eras o valor, e a gloria !

Por mais que desteixado  
 Perdesse o amor á Lyra,  
 Delphico assalto o peito me estremece ;  
 A dextra involuntaria  
 Inopinado arpejo  
 Desfere, e o som que mélico resoa  
 Novo provoca enthusiasmo ardente.

Na idéa affogueada  
 Brilhão de novo abertas  
 As faustas scenas do immortal Vimciro ;  
 D'alli aurea cadeia  
 Preza em padrão eterno  
 Vai dobrando os fuzís, e a Patria minha  
 Por cada hum d'elles seus triunfos conta.

— Onde será que WELLINGTON —

Firme a balliza extrema

Da propria, da Britannia, e Lusa gloria? . . .

O' Ebro, as agoas tuas

Já murmurar parecem

Ao sentir em seus hombros marulhosos

Pezar, fugindo, os debellados Francos.

---

Porém mais longo espaço

Iuda abrirá radiosa

A carreira feliz dos seus triunfos :

Soprando aurea trombeta

Nos Marcios Arapiles,

„Pyreneos, Pyreneos (clamava a Fama)

„Vereis bem cedo tremolando as Quinas.

N. A. P. P. M.

---

# EPINICIO

## NO SEGUINTE SONHO.

---

**C**EOS ! que revolução em mim s'agita !  
 Ferve em cachóes meu sangue  
 Por vêas , por arterias me circula  
 Fogo , brio , e denodo ;  
 A planta informe que tremia ao passo ,  
 Do brozeguim cingida  
 Já tremer faz o chão , marchar parece ,  
 Feias hostes pizando ;  
 Elmo , enfeitado de penacho altivo ,  
 Me peza sobre a frente ,  
 E em vez da pluma inerte a dextra adorna  
 O sabre coruscante : . . .  
 Foge , foge de mim , olá zoilo insulso ,  
 Que denegrir-me intentas ;  
 Para castigo teu já ferro duro ,  
 Não satyras eu vibro ! . . .  
 Rufo horrivel d'horrisonas trombetas  
 Meu tympano consola ,

E de meus olhos dissipada a nevoa ,  
     Caliginosa opaca ,  
 De duplices Cohortes ácie horrenda  
     Ao prelio me convida ! . . .  
 Mas onde , onde estou eu ? ah ! féros Campos  
     Do terrível Vinheiro  
 Eu reconheço , e a gente se m'autoilha ,  
     Que , resto miserando  
 Da cruenta Rolíça , ainda provoca  
     Do Bretão o aço invicto ! . . .  
 Trånze , enfia , despedete da Vida ,  
     ' Truculento Gavacho ,  
 Ou Franco estulto , q' arrostallo ouzaste ,  
     E nescio vez segunda  
 Não temes encarar o Marte novo  
     Em mente , em peito , em braço !  
 Eu , eu delle n'escudo ; á sombra sua  
     Os Cordeiros são Lobos ,  
 Os Lobos , são Leões , são mais que Tigres ,  
     Famulentos , raivosos ! . . .  
 Perdoa , oh Phebo , ao Vate a ira , as furias ;  
     Brigo , e apenas brigo ,  
 Eis finda o Gallo ; eis logo ao Anglo ovante ,  
     E ao Luso , que a Victoria  
 Lhe promove , e o triunfo participa  
     Remonto em fama eterna :  
 D'igual modo nos Campos d'Araucana

Muza do grande (1) Erzilla  
 Empunhando ora a Lyra, e ora a Espada,  
 A morte dava, ou vida!  
 Sulfureas bocas de feroz bombardas  
 Que terra, e ár estrugião,  
 Não mais já troão, subito emudecem;  
 Grossas fillas s'emhrulhão  
 Com Chefe, e Generaes, que o chão já mordem,  
 E auxilio a Pluto implorão;  
 Sem Dono rinchando vaga o potro  
 Q' ao Infante atropela;  
 Das nuvens recachimlo, onde fingião  
 Depinicar os Astros,  
 No sólo estranho pavidas rastejão  
 As Aguias petulantes;  
 E o polido carão no lodo immerge  
 Junot, o Duque espurio!  
 Oh Dia venturoso, oh fansto dia!  
 Tu não quebras sómente  
 A Lysia os ferros; tu em ti lhe trazes  
 A hum tempo a pulcra Aurora  
 D'outros mais bellos sóes, de luz mais álva,  
 Mais pura, mais radiosa! . . .

---

(1) *Alonso de Ersilla, Author, e Heroe a hum tempo do celebre Poema Hespanhol deste nome, &c.*

Espera , oh tetro Soult d'Arthur 'aguarda  
     O merecido premio  
 Da insubordinação , de que és motivo  
     No Douro malfadado ;  
 E tu , cruel Massena , expia , solve  
     Com fome , com massacre  
 A doloza explosão da triste Almeida ! . . .  
     Oh ! eu folgo , eu respiro ;  
 Livre he Lysia de reprobas falanges !  
     Porém uiva inda ao longe  
 No Sólo Hispano a barbara Quadrillia ! . . .  
     Ronbando , assassinando !  
 Lá vòa WELLESLEY , com Elle eu vòo ;  
     Talavera eis secunbe ,  
 Eis rue Rodrigo , eis Badajoz baquça ,  
     E a pristina Tacubi ,  
 Ou nova Salamanca , o funde. Tormes  
     De cadavres atulha ! . . .  
 Mas oh ! em roxo sangue , allieio , e proprio ,  
     Quanto encontra varrendo ,  
 Inunda BERESFORD ! . . . não , não me fujas  
     Marmont facinoroso ,  
 E mutilado paga o feio insulto ,  
     Porque morras d'oprobrio ;  
 Ou tu o paga , estolido Botelhas ,  
     A seu Dono tornando  
 A extorquida Madrid , que Arthur t'arranca ! . . .

Não mais, não mais WELINGTON.

Hum poco tu resfolga ; a propria mente  
 He mais tarda que o raio  
 Do teu braço fatal ! eu-desfaleço ,  
 E seguirte não posso :  
 Não mais , não mais ; s' Imigo inda te resta  
 Montes vaga , ou prostrado  
 Geme , arqueja , á rapina praguejando ,  
 A si , á Patria , ao Corso ! . . .  
 Basta : quando nas posteras Idades  
 Inda brigue algum dia  
 Bretão , Luso , ou Hispano , com teu Nome  
 Temido , irresistivel ,  
 Invocado ouvirão seu Nome Sacro  
 São Thiago , e São Jorge !

*Por Santos e Silva.*

## O D E

A

S. A. R. O PRINCIPE RÉGENTE DE PORTUGAL.

**Q**UEM me dera poder lançar meu Nome  
 Entre aquelles famosos que discorrem  
 No dolci-sono bando alvi-plumoso  
 Do Meónio Caistro !

Quem me dera poder quasi divinos  
 Delphicos sons vibrar de accento eterno  
 Em cada pulsação do argúto plectro  
 Sobre a facunda Lyra !

Que não descantaria os fadigosos  
 Luctantes Campeões , aflervorados  
 Co'a forçosa umbição de arrebatarem  
 A esquiva palma Eléa :

Nem os que , commettendo estranhos Mares,  
 Por duros Climas , barbaros Paizes  
 Abrirão novas fontes de riqueza,  
 Novo caminho aos crimes :

Menos ainda os que , servendo em furias,  
 Por entre o ferro , e o fogo , o sangue , e a morte  
 Correm , surdos aos ais , dobrando os golpes  
 Para colher hum loiro !



Negando os Versos meus a mil que a Fama  
 Heroes decanta, e que talvez são Monstros,  
 Aos mimosos Validos da Virtude

Votaria os meus Hymnos.

---

E a qual, melhor que aos outros, poderia  
 Consagrar meus Piérios devaneios,  
 Senão for a João, que em Lysia he quasi  
 O que nos Ceos he Jove? . . .

---

Que Homem, que Rei, que Heróe melhor do que Elle  
 Salvou do Despotismo hum Povo inteiro?  
 Quem, senão Elle, presereveo limites  
 A' Corsica torrente?

---

Ella em sua carreira impetuosa  
 Já mais de meia Europa devastára:  
 Parece que, chegando á fôz do Téjo,  
 Se perdeu no Oceano!

---

Co' a Monarquia universal sonhando,  
 Acceso em ambição, de orgulho inflamado  
 O Despota da Corsega voava  
 Ao presumido Imperio:

---

Mas Tu, Principe egregio quanto amado,  
 Do Despota feróz o ardil prevendo,  
 Evadiste-te aos laços perigosos  
 Da fingida amizade.

Trocado pelas iras de Neptuno  
 Brandas delicias do Paiz nativo,  
 E por longas saudades do teu Povo  
 O seu amor trocando;

Em tua alta firmeza levantaste  
 Rocha que soçobrou a Tyrannia,  
 E até os Elementos se curvárao  
 Para servir teu Genio!

Ponpando o sangue de tens bons Vassallos,  
 Reservaste a vingança a teus Alliados,  
 E com elles sobre hũa outras victorias  
 Tem c'roado o teu Povo.

De Britannos Herões Lysia inundada,  
 As épocas do assombro lhe accordárão;  
 E entre as que forão, e as que vão correndo  
 Mal se decide a Fama.

Oh! faustas scenas do immortal Vimeio  
 Vos fostes no Bussaco repetidas,  
 E por Fuentes de Honor o écho de ambas  
 Levou de novo a gloria.

Já sobre o Luso chão Corsica planta  
 Seus toxicos não larga, e já na Iberia  
 Anglo-Lusos Campeões a frente adornão  
 Co' a rama do triumpho;

Salve , novo Alexandre excelso WELLINGTON ,  
 ,, Vencedor invencível affamado ,  
 Nos Campos triunfaes de Salamanca  
 Será teu Nome eterno :

Por aqui , por alli do Corso imbelles  
 Tristes reliquias dispersadas fogem ;  
 E já sobre Madrid tremulão juntos  
 Leões , Leopardos , Quinas.

Podes volver , o Principe sublime ,  
 A teus nativos , venturosos lares ,  
 Que não mais do novo Attila o flagello  
 Ha-de estallar em Lysia :

Lysia , saudosa , e ávida allongado  
 Polo interposto mar com pranto os olhos ,  
 Te chama ao seio , e carinhosa estende ,  
 Para accolher-te os braços.

N. A. P. P. M.

F I M.





